



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SÓCIO-ECONÔMICO
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Bruna de Quadra Leal Pereira

A relação entre China e Uzbequistão: uma análise sobre Cadeia Global de Valor e
a produção *fast fashion*

Florianópolis

2023

Bruna de Quadra Leal Pereira

A relação entre China e Uzbequistão: uma análise sobre Cadeia Global de Valor e a produção *fast fashion*

Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Relações Internacionais do Centro Sócioeconômico da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais.

Orientadora: Prof^a. Patrícia Fonseca Ferreira Arienti, Dr^a.

Florianópolis

2023

Pereira, Bruna de Quadra Leal

A relação entre China e Uzbequistão : uma análise sobre Cadeia Global de Valor e a produção fast fashion / Bruna de Quadra Leal Pereira ; orientadora, Patricia Fonseca Ferreira Arienti, 2023.

76 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Socioeconômico, Graduação em Relações Internacionais, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. Relações Internacionais. 2. Sistema-Mundo. 3. Fast Fashion. 4. Cadeia Global de Valor. 5. China e Uzbequistão. I. Arienti, Patricia Fonseca Ferreira . II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Relações Internacionais. III. Título.

O trabalho “**A relação entre China e Uzbequistão**: uma análise sobre Cadeia Global de Valor e a produção *fast fashion*” foi avaliado e aprovado pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Profª Patricia Fonseca Ferreira Arienti, Drª.

Orientadora

Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Marialice de Moraes, Drª.

Avaliadora

Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Sandra Regina Leal, Drª.

Avaliadora

Universidade Federal de Santa Catarina

Certifico que esta é a versão original e final do Trabalho de Conclusão de Curso que foi julgado adequado para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais por mim e pelos demais membros da banca examinadora.

Profª Patricia Fonseca Ferreira Arienti, Drª.

Florianópolis, 2023.

Esse trabalho é dedicado aos meus pais, aos meus avós
e minha dinda Monalisa.

AGRADECIMENTOS

Chegar até aqui definitivamente não foi como eu pensei que seria. Quando vim morar em Florianópolis com 18 anos, imaginava que até os 23 estaria formada e me mudando para algum país que ninguém sabe onde fica. Hoje com 26 o cenário é bem diferente. A pandemia trouxe mudanças que eu não esperava e me afetou por muito tempo. Levaram anos até conseguir colocar a vida de volta aos eixos.

Entrar na UFSC foi um sonho que eu nem sabia que tinha. Só fiz vestibular pra UFSC então não tinha segunda opção se não conseguisse passar. Depois que entrei, confesso que por muito tempo fiquei pensando "como consegui entrar aqui?" ou "sou boa o suficiente para ocupar esse espaço?". Ao mesmo tempo que me apaixonei pela universidade desde a primeira visita, ela também me deixou muito acuada, pois sentia que não era tão inteligente quanto as pessoas ao meu redor. Apesar dessa insegurança, tentei fazer valer a pena cada segundo e usei tudo que a UFSC tinha pra me oferecer, mesmo recebendo diversos cortes ao longo de toda minha graduação. Passei dias estudando na biblioteca, fiz estágios em vários departamentos, almocei no RU, observei as estrelas no planetário, fiz cursos de idiomas e usei até o atendimento do hospital universitário. O curso também me proporcionou a experiência maravilhosa de fazer um intercâmbio e conhecer lugares que nunca achei que iria ver. Ter estudado na Universidade de Évora e conhecido tantas pessoas maravilhosas de vários lugares com certeza fez a diferença na minha vida e mudou muito a minha percepção sobre o mundo.

Tudo isso vai ficar sempre na minha memória, já sinto muita falta da rotina que tinha na UFSC e de todas as pessoas que faziam parte delas. Os últimos anos da graduação no modelo remoto de fato não estavam nos meus planos, foi bem difícil lidar com eles, mas apesar de tudo estou feliz que consegui terminar esse ciclo depois de tanto tempo. Tem tanta gente que merece estar aqui que não sei nem por onde começar. Primeiro, gostaria de agradecer imensamente a Prof^a Patrícia por ter sido compreensiva e paciente comigo desde que entrei em contato com ela a vários semestres atrás. Obrigada por não desistir de mim e por ter me ajudado a chegar até aqui! Obrigada por me acalmar sempre que eu chegava desesperada achando que tudo ia dar errado.

Outra pessoa fundamental nesse processo foi minha terapeuta Lorrane. Uma vez disse que quando tudo terminasse ia até agradecer ela no TCC e demos

risada, mas não tava brincando rsrs obrigada por me fazer acreditar que eu era capaz, apesar da minha negação. Nós sabemos como foi o processo para chegar até aqui, mas sem você teria sido bem pior, com certeza.

Não poderia deixar de mencionar aqueles que tiveram comigo durante a graduação e que fizeram meu curso ser mais especial: Julia e Dudu. Obrigada por todos esses anos de amizade, pelos trabalhos, pelas festas e conversas no carinho, e todos os momentos que tivemos juntas. Obrigada João Paulo e Lucia, por estarem comigo nos melhores e piores momentos, por acreditarem em mim e serem meu apoio em Floripa por tanto tempo. Vocês são importantes demais pra mim e sou grata demais por ter encontrado vocês nessa vida maluca. Quero agradecer ao Gabriel, meu companheiro da Casa da Bruxa de Portugal, que mesmo depois de 4 anos ainda me escuta reclamar por horas com toda paciência do mundo e está sempre disposto a me ajudar. Com certeza a melhor parte do intercâmbio foram as pessoas que conheci, e você sabe que é uma delas!

Obrigada a todos os amigos que fiz no trabalho que são tantos que tenho até medo de citar e esquecer de alguém. Já disse várias vezes como vocês foram importantes na minha vida em momentos em que me sentia muito sozinha. Obrigada por me animarem nos dias caóticos, pelas tardes com salgadinhos, pelas fofocas, risadas e por toda torcida e carinho que vocês tem comigo.

Não teria como não agradecer meus pais Danieli e Luciano e toda minha família por me apoiarem em todos esses anos morando longe de casa. Sei que vocês fizeram de tudo pra que eu estivesse aqui hoje. Obrigada por me aceitarem do jeito que eu sou e por sempre incentivarem meus sonhos. Também não posso esquecer do filho, meu companheiro felino que fica sempre do meu lado e que mudou a minha vida pra melhor (apesar de destruir minhas coisas).

Mas não teria como terminar sem um agradecimento especial para minha dinda Mona. De fato não estaria aqui se não fosse por você. Acho que nunca vou conseguir retribuir nessa vida tudo que você sempre fez por mim, principalmente a minha mudança pra cá. Desde o início nunca foi uma opção para você eu não vir, sempre foi uma certeza, sempre me incentivou e fez de tudo pra que desse certo. Obrigada por depositar tanta confiança em mim, eu não teria tido todas essas experiências se não fosse você. Espero que fique orgulhosa!

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a relação da China e do Uzbequistão no que diz respeito à indústria têxtil, ou seja, definir em qual etapa produtiva os dois países asiáticos se encontram. Para isso, utiliza-se o método qualitativo exploratório, baseado em artigos, livros e notícias sobre o tema. Essa análise acontece sob a ótica da teoria do sistema-mundo do sociólogo Immanuel Wallerstein que aborda os conceitos de centro, semiperiferia e periferia. Enquanto os atores centrais são altamente industrializados e participam do processo criativo, os periféricos e semiperiféricos são responsáveis pela produção das peças por uma mão de obra barata e muitas vezes explorada. A produção de marcas *fast fashion* é muito fragmentada e sua cadeia produtiva, desde o fornecimento da matéria-prima até o envio da peça ao consumidor, está espalhada em vários países. A produção de matéria-prima e partes primárias ficam a cargo de países periféricos como o Uzbequistão, e a confecção das roupas é feita em países semiperiféricos como a China. Ademais, a relação entre China e Uzbequistão é no tópico do último capítulo desta pesquisa e mostra como o interesse chinês no país da Ásia Central está aumentando nos últimos anos. Os investimentos direcionados da China para o Uzbequistão estão sendo voltados para setores como rodovias, ferrovias e têxteis.

Palavras-chave: sistema-mundo; *fast fashion*; China; Uzbequistão; Cadeia Global de Valor;

ABSTRACT

The present work aims to analyze the relationship between China and Uzbekistan with regard to the textile industry, that is, to define the productive stage in which the two Asian countries are. For this, the exploratory qualitative method is used, based on articles, books and news on the subject. This analysis takes place from the perspective of the world-system theory of sociologist Immanuel Wallerstein, which addresses the concepts of center, semiperiphery and periphery. While the central actors are highly industrialized and participate in the creative process, the peripheral and semi-peripheral actors are responsible for the production of pieces by cheap and often exploited labor. The production of fast fashion brands is very fragmented and their production chain, from the supply of raw materials to the shipment of the garment to the consumer, is spread across several countries. The production of raw materials and primary parts is the responsibility of peripheral countries such as Uzbekistan, and clothing is made in semi-peripheral countries such as China. Furthermore, the relationship between China and Uzbekistan is the topic of the last chapter of this research and shows how Chinese interest in the Central Asian country has been increasing in recent years. Investments directed from China to Uzbekistan are being directed towards sectors such as roads, railways and textiles.

Keywords: world-system; *fast fashion*; China; Uzbekistan; Global Chain Value;

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - O relacionamento na Economia-Mundo capitalista.....	26
FIGURA 2 - A fragmentação da cadeia produtiva do <i>fast fashion</i>	33
FIGURA 3 - Mapa político da Ásia Central.....	40
FIGURA 4 - O encolhimento do Mar de Aral.....	43
FIGURA 5 - Mapa da região de Xinjiang na China.....	53

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Exportação do algodão uzbeque (2006 - 2020).....	48
TABELA 2 - Balança Comercial do Uzbequistão (2006-2020).....	49
TABELA 3 - Maiores exportadores mundiais de algodão (2010-2020).....	51
TABELA 4 - Maiores importadores mundiais de algodão (2010-2020).....	52

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BRI Belt and Road Initiative

CGV Cadeia Global de Valor

CKU China-Kyrgyzstan-Uzbekistan

DIT Divisão Internacional do Trabalho

IDE Investimento Direto Externo

OEC Observatory of Economic Complexity

OMT Organização Mundial do Trabalho

RSN Responsible Sourcing Network

URSS União das Repúblicas Socialista Soviéticas

UNECE Comissão Econômica das Nações Unidas para a Europa

XUAR Xinjiang Uyghur Autonomous Region

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 A CONCEITUALIZAÇÃO DO SISTEMA-MUNDO	18
2.1 SISTEMA-HISTÓRICO E O CAPITALISMO DE KARL MARX	19
2.1.1 Centro, semiperiferia e periferia	22
3 CADEIA GLOBAL DE VALOR E O FAST FASHION	28
3.1 FAST FASHION: COMO CHEGAMOS ATÉ AQUI?	31
3.1.1 Exploração de mão-de-obra	34
3.1.2 Marketing e consumo excessivo	36
3.1.3 Meio ambiente e sustentabilidade	37
3.2 UZBEQUISTÃO E O OURO BRANCO	39
3.2.1 O caso do Mar de Aral	42
3.2.2 A cultura algodoeira	44
3.3 CHINA: PERIFERIA OU SEMIPERIFERIA?	50
4 A RELAÇÃO ENTRE CHINA-UZBEQUISTÃO	56
5 CONCLUSÃO	66
REFERÊNCIAS	68
ANEXO A	73
ANEXO B	74
ANEXO C	76

1 INTRODUÇÃO

Nos dias de hoje, a relação da sociedade com o vestuário mudou em vários aspectos, principalmente na intensidade e frequência do consumo, ambos estimulados pelo marketing massivo de grandes corporações e pelo aumento das redes sociais no dia a dia das pessoas. A maneira com a qual o consumidor compra os produtos, seja em lojas de roupas físicas ou no mercado online (tendência que ganhou muito espaço entre os consumidores nos últimos anos, sobretudo no Brasil), ajudou a impulsionar a indústria têxtil a produzir em escala cada vez mais potente (E-COMMERCE BRASIL, 2021).

A confecção das peças atualmente é composta por diversos países no decorrer de seu processo produtivo, passando pela colheita da matéria-prima, a preparação da fibra, fiação, tecelagem, produção da peça, distribuição para os mercados ou para o consumidor final, tudo isso de forma acelerada e incessante. Levando em consideração essa mudança de comportamento, começou a ser utilizado o conceito de *fast fashion* para referir-se a esse mercado em expansão progressiva, fazendo referência à “produção rápida, compacta e contínua de novas coleções de roupas em um curto período de tempo, envolvendo alta circulação de mercadorias nas prateleiras” (SANTOS, 2017).

Contudo, a disseminação do consumo dessa indústria não trouxe resultados positivos e expressivos para todos os países envolvidos no processo e até mesmo para a sociedade como um todo. Os efeitos colaterais causados por esse modelo de produção são extremamente brutais, com diversas denúncias de trabalho em condições análogas à escravidão e uso de trabalho infantil; péssimas condições de trabalho; aumento do lixo residual no mundo; e impactos ambientais devastadores.

Ano após ano, o setor vem produzindo quantidades cada vez maiores de roupas por conta do seu crescimento e, assim como ocorreu em outros segmentos, o modelo de produção têxtil recebeu a influência direta da ascensão da globalização e dos mercados internacionais. Esse fenômeno modificou as integrações econômicas, comerciais, políticas e sociais do cenário internacional. Isso posto, reforçou o sistema capitalista, trouxe o crescimento do fluxo de bens e serviços, e o fortalecimento da influência do capital financeiro na economia internacional (ARIENTI; FILOMENO 2007; GEREFFI 2001; 2018).

Uma conceitualização dessas integrações é a noção de Cadeia Global de Valor (CGV) qualificada como fragmentações geográficas das etapas do ciclo de produção, lideradas por empresas multinacionais não somente nos processos de importação e exportação, mas também em investimentos, terceirizações, realocações e diferentes tipos de serviços (CARDOSO; REIS 2018; GEREFFI 2001).

Assim, como os ganhos provenientes das trocas estão mal distribuídos, não apenas dentro das nações, mas principalmente entre elas, essa assimetria entre os países considerados desenvolvidos o suficiente para ocupar uma posição de relevância no mercado internacional e aqueles com indústrias primárias ou nenhuma indústria, pode ser explicada na teoria de Sistemas-Mundo do sociólogo Immanuel Wallerstein.

Em síntese, essa perspectiva sugere que em função dos países do núcleo (centro) serem “desenvolvidos” e com indústria moderna, por consequência, eles se tornam os responsáveis por controlar a maioria dos excedentes e das atividades produtivas em toda a cadeia produtiva. Por outro lado, os países caracterizados por terem suas economias baseadas na produção de matérias-primas e pouco estímulo à industrialização — aspecto comum entre nações que enfrentam problemas internos e têm dificuldades para se desenvolver, são denominados países periféricos (ARRIGHI 1997; LOURENÇO 2005).

Com o surgimento do *fast fashion*, a relação de dependência entre os países que compõem o processo produtivo passou a ser mais intensa, frequente e reforçou caráter dependente daqueles que fazem parte da CGV da indústria da moda em todas as esferas, principalmente nos países onde está localizado a produção da matéria-prima e as fases iniciais do processo. Uma das relações bilaterais que mais se intensificaram foi entre a China, grande exportadora mundial de têxteis, e do Uzbequistão e um dos principais produtores de algodão do mundo.

A relação assimétrica desses países asiáticos dentro da indústria têxtil foi um dos fatores fundamentais para a escolha do tema como objeto de estudo. Considera-se de extrema importância compreender o papel dos países periféricos em modelos produtivos nocivos, mas que são necessários para a manutenção do modo de produção. Ademais, o aumento significativo do setor têxtil nos últimos anos, principalmente das indústrias multinacionais que se encaixam na categoria de

fast fashion e das consequências negativas do segmento também são motivações para o estudo do tema.

Nesse sentido, o objetivo dessa pesquisa é analisar a relação da China e do Uzbequistão destacando sua posição na Cadeia Global de Valor na Indústria têxtil. De forma mais específica, buscou-se:

- A) Compreender o sistema-mundo de Wallerstein e sua aplicação na análise das relações entre países do centro, periferia e semiperiferia;
- B) Discutir os conceitos de Cadeia Global de Valor e quais são suas principais características, sobretudo no que diz respeito ao setor de vestuário;
- C) Analisar o crescimento do modelo de produção *fast fashion*, suas consequências e em qual etapa produtiva estão alocados o Uzbequistão e a China;
- D) Analisar a posição da China no sistema-mundo e compreender seu caráter de país semiperiférico;
- E) Descrever os principais mecanismos e características geopolíticas da aproximação entre ambos os países nos últimos anos.

Para atingir tais objetivos, a metodologia utilizada compreendeu uma pesquisa de abordagem qualitativa e de caráter exploratório, apresentando uma visão geral sobre os conceitos de sistema-mundo de Wallerstein, Cadeias Globais de Valores (CGV) e o *fast fashion*.

A pesquisa contará com três capítulos para atingir seus objetivos específicos. O primeiro será responsável por expor as ideias propostas pelos sociólogos sobre a linha de pensamento do sistema-mundo com foco no autor Immanuel Wallerstein, além de referências bibliográficas e conceituais importantes sobre o tema como, por exemplo, o capitalismo de Marx. Dessa forma, irá apresentar um apanhado geral dos conceitos de centro, semiperiferia e periferia e os aspectos que definem os países dentro dessa hierarquia.

O segundo capítulo irá analisar o conceito de Cadeia Global de Valor e como acontece a fragmentação produtiva da indústria da moda nos dias atuais, procurando mostrar quais seriam as atribuições dos países periféricos, semiperiféricos e centrais. Para isso será feita uma rápida descrição dessa

fragmentação, desde a produção da matéria-prima até o envio para os consumidores. Esse capítulo também ilustrará o conceito de *fast fashion*, os motivos do crescimento acelerado da indústria e as consequências que esse modelo industrial traz para os países periféricos que estão nos processos produtivos primários. As principais características econômicas, sociais e históricas do Uzbequistão e da China também estarão presentes e são fundamentais para entender a conexão de ambos com a teoria do sistema-mundo.

O terceiro e último capítulo ficará responsável por apresentar a relação geopolítica entre esses dois países e o crescente fortalecimento entre o governo chinês e uzbeque, através de acordos, investimentos e diplomacia, principalmente no que diz respeito à indústria têxtil. Além do uso de bibliografias teóricas sobre o tema para argumentar sobre o assunto, também será utilizado notícias de sites, jornais e periódicos.

Por fim, a conclusão trará as considerações finais da pesquisa, de acordo com o que foi apresentado nos capítulos anteriores, assim como sugestão de temas para outros trabalhos que estão no escopo do que foi apresentado.

2 A CONCEITUALIZAÇÃO DO SISTEMA-MUNDO

Essa seção tem como foco principal relatar os tópicos referentes à origem e as principais características da teoria do sistema-mundo, e examinar conceitos essenciais tais como centro, semiperiferia e periferia sob a luz de autores fundamentais na elaboração teórica dessa perspectiva.

O desenvolvimento conceitual do pensamento de sistema-mundo ocorreu principalmente nos anos 1970 e coexistiu com várias mudanças referentes às abordagens utilizadas pela escola de sociologia estadunidense nos estudos sobre a evolução da sociedade contemporânea. Essa perspectiva busca explicar a estrutura global de poder econômico e político, dando ênfase para uma análise holística do sistema internacional e assumindo uma abordagem histórica particular. A teoria reforça que, por mais caótica que a história da sociedade moderna possa ser, algumas tendências ao longo do tempo são padrões históricos e têm relação entre si. Ou seja, para esses pensadores, a “história é um processo relativamente ordenado no qual certos eventos tornam outros possíveis ou prováveis” (SHANNON, 1996, p.1).

A ideia de sistema-mundo é baseada em algumas preocupações e fundamentos de teóricos como Karl Marx, Max Weber e Émile Durkheim que sustentam a ideia de que uma nova sociedade surge na Europa Ocidental depois do século XVI, período em que se inicia a era moderna. Esses sociólogos buscam “identificar a natureza dessa nova sociedade, explicar suas origens e explorar as consequências de seu surgimento” (SHANNON, 1996, p.1).

Emergindo do universo marxista, a teoria do sistema-mundo não se restringe a um continente ou uma região, mas abrange “o mundo como um todo contínuo e longo, retomando suas origens históricas desde os primórdios dos vestígios capitalistas” (OSÓRIO, 2018, p.110). Tal perspectiva enfatiza as interconexões e desigualdades entre países e regiões dentro de um sistema capitalista global, oferece uma análise crítica da organização econômica e política do mundo, e examina como ela perpetua disparidades sociais e econômicas nas relações centro-periferia.

Para Immanuel Wallerstein (1999) a análise é direta quando pressupõe que as áreas da coletividade humana, como a economia, a política e a área

social/sociocultural, não são agendas autônomas da ação social e não têm lógica quando são vistas separadamente. O autor argumenta que

O entrelaçamento de imposições, opções, decisões, normas e “racionalidades” é tal que nenhum modelo útil de pesquisa pode isolar “fatores” de acordo com as categorias do econômico, do político, do social e tratar apenas um tipo de variável mantendo implicitamente as outras constantes. Estamos dizendo que existe um único “conjunto de regras” ou um único “conjunto de imposições” dentro do qual essas várias estruturas operam. (WALLERSTEIN, 1999, p. 453)

Na visão do autor, as mudanças nas estruturas sociais internas e externas de uma sociedade não devem ser compreendidas individualmente, mas dentro de um contexto sistêmico maior que ultrapassa as suas fronteiras nacionais e resulta em relacionamentos econômicos e políticos desde o século XVI. Os países centrais e periféricos devem ser analisados dentro do mesmo sistema, uma vez que a estrutura econômica do sistema-mundo é caracterizada por uma Divisão Internacional do Trabalho (DIT) que unifica múltiplos sistemas culturais em um sistema econômico complexo, tornando necessário a observação do conjunto para ter compreensão total das transformações sociais (ARIENTI; FILOMENO 2007; SHANNON 1996; WALLERSTEIN 1974). A complexidade desses sistemas se dá por conta da multiplicidade das estruturas que o compõem, pois ao mesmo tempo que existe uma conexão nos processos econômicos, políticos e culturais, cada elemento também possui dinâmicas e características próprias ao mesmo tempo que continuam unidas estruturalmente (ARIENTI; FILOMENO, 2007).

2.1 SISTEMA-HISTÓRICO E O CAPITALISMO DE KARL MARX

Ao analisar os sistemas mundiais utilizando o conceito de sistema histórico, Wallerstein (1999) sustenta a ideia de que há três variáveis conhecidas de tal sistema que se diferenciam de acordo com sua forma e lógica de funcionamento. Podendo coexistir historicamente os três sistemas apresentados são: os minissistemas, os impérios mundiais e as economias mundiais. Para definir as formas e a lógica de cada uma, o autor usa a premissa de divisão contínua de trabalho como a fronteira que define a forma do sistema histórico. Assim, os minissistemas, como o próprio termo já indica, são pequenos e, relativamente não duram por muito tempo, além de serem “altamente homogêneos em termos de

estruturas culturais e de governo [...] A lógica básica é a da “reciprocidade” nas trocas” (WALLERSTEIN, 1999, p.459).

A segunda variável chamada de impérios mundiais, por outro lado, tem estruturas políticas mais sólidas e uma ampla gama de padrões culturais. Nesse caso, a lógica é a transferência de impostos de produtores diretos (geralmente rurais) localmente autoadministrados para o centro e depois distribuídos entre uma pequena, mas importante rede de funcionários.

A terceira e última variável é a natureza das economias globais, que são consideradas extensas e desiguais cadeias de estruturas de produção distribuídas em várias estruturas políticas. A lógica fundamental é que aqueles que são capazes de estabelecer vários tipos de monopólios temporários nas redes de mercado recebem o excedente acumulado de forma desigual. Ou seja, é uma lógica capitalista (WALLERSTEIN, 1999).

Na história da civilização humana, houve a multiplicidade de minissistemas em vários momentos, assim como períodos onde coexistiram sistemas históricos das três variáveis e séculos de existência de diversos impérios mundiais, sobretudo entre 8000 a.C e 1500 d.C (WALLERSTEIN, 1999). O sociólogo afirma que o sistema mundial moderno nasceu por volta de 1500, fruto da consolidação de uma economia mundial. Tal economia foi responsável por realizar seu plano de desenvolvimento capitalista utilizando sua lógica interna de cadeias estruturais de produção para expandir os processos ao redor do mundo, absorvendo os minissistemas e os impérios mundiais que existiam.

Esse movimento, para Wallerstein (1999), fez com que, no fim do século XIX, existisse pela primeira vez apenas um sistema histórico no mundo, situação que permanece na era moderna. Dessa maneira, pode se dizer que um sistema-mundo “é definido como uma unidade espaço-temporal, cujo horizonte espacial é coextensivo a uma divisão de trabalho que possibilita a reprodução material deste “mundo” (ARIENTI; FILOMENO, 2007, p.103).

O desenvolvimento capitalista que Wallerstein usa como exemplo é o mesmo conceitualizado por Marx no século XIX, ou seja, o momento em que houve uma evolução nas forças de produção, como o avanço da tecnologia nas máquinas industriais, indo em paralelo ao crescimento de diferentes relações de produção,

sobretudo o sistema de sociedade privada (SHANNON, 1996). Para Marx esse modo de produção capitalista possui certas características que o definem:

- 1) A posse dos meios de produção estava sob controle de uma única classe — conhecida como a classe capitalista ou a burguesia; Ninguém mais possui ferramentas e equipamentos para produção;
- 2) Sem possuírem os meios de produção para se sustentarem, a única escolha para os trabalhadores (aqui denominados também como classe trabalhadora ou proletariado) é vender sua força de trabalho. No modelo capitalista, o trabalho se tornou uma *commodity* que é comprada pelo burguês e vendida pelo proletário;
- 3) Por possuírem os meios de produção, os capitalistas definem onde serão alocados os resultados da produção;
- 4) Como os trabalhadores podem acabar trabalhando mais do que o necessário para produzir mais, os capitalistas começaram a diferenciar o valor pago para a classe trabalhadora e o valor do produto feito por eles — essa diferença ficou conhecida como mais-valia;
- 5) Os capitalistas funcionam como uma lógica de acumulação de capital. Assim, para manter e aumentar sua representação no mercado, e dado o crescimento da competição capitalista, a classe dominante reduz seus preços, efeito que também reduz os custos de produção — nesse caso o salário do proletariado;
- 6) O sucesso do capitalismo no longo prazo depende de investimentos da mais-valia em equipamentos eficientes e novas infraestruturas para aumentar o nível de produtividade dos trabalhadores e conseqüentemente, acumular mais capital. O aumento das unidades de produção pode render economias de escala, essas que são mais eficientes do que as pequenas;

Em síntese, todos os pontos acima ilustram como a dinâmica básica do capitalismo é a acumulação massiva de capital, e Marx considera que o sucesso da burguesia se dá pelo controle estatal e pela dominação das demais estruturas do sistema. Ademais, tal sucesso acontece com o respaldo legal do Estado, que foca seus esforços para proteger a propriedade privada dos capitalistas e, à luz do “livre

mercado”, permite a exploração dos trabalhadores ao mesmo tempo que mantém a ordem social. Dentro dessa perspectiva, a classe capitalista passa a ter poder direto e indireto nos processos democráticos, porém sempre refletindo seus próprios interesses sejam eles econômicos, religiosos, políticos ou sociais (SHANNON, 1996).

Ao revisitar o trabalho de Marx, os teóricos do sistema-mundo incorporam em suas ideias os principais conceitos, a terminologia básica da teoria marxista, a noção da formação histórica e o funcionamento do capitalismo desde a expansão europeia. Esses fatores são fundamentais para entendermos a sociedade contemporânea que temos hoje, assim como a responsabilidade que o sistema capitalista teve nos conflitos e misérias para além da “expansão econômica”. Dessa maneira, o sistema-mundo moderno que temos hoje é uma economia-mundo que consiste na combinação de múltiplos Estados nacionais que formam um sistema interestatal (ARIENTI; FILOMENO 2007; WALLERSTEIN, 1974).

2.1.1 Centro, semiperiferia e periferia

Segundo Wallerstein (1974), o conceito de sistema econômico assume que existe uma economia quando há uma divisão social do trabalho de forma contínua, extensiva e relativamente completa no que diz respeito à integração dos processos de produção e de trocas entre os mercados. Essa divisão completa ocorre quando uma rede econômica passa a ser substancialmente interdependente da troca de bens considerados essenciais para muitos parceiros. Dessa forma, os responsáveis pelo comércio não podem seguir com suas atividades econômicas centrais para o bem-estar social sem efetuar as trocas, reforçando que todas as partes de uma economia mundial dependem e possibilitam as atividades nas outras partes.

Em síntese, todo esse sistema econômico inclui diferentes Estados, culturas e sociedades, embora seja estabelecido por uma economia única baseada numa complexa divisão do trabalho. Cada parte dentro do sistema se especializou em um pedaço do processo produtivo de bens primordiais, com o objetivo de manter o funcionamento da atividade econômica e para perdurar a relação de troca entre elas. Como consequência, o sistema econômico passa a ser unido por uma complexa rede de trocas entre os mercados mundiais (SHANNON, 1996; WALLERSTEIN, 1974, 1999).

O padrão de comércio entre as nações é o debate de muitas controvérsias que envolvem questões estruturais como, por exemplo, produzir internamente ou comprar do exterior. E ao mesmo tempo também traz problemas complexos de dependência tecnológica e de aprendizado do processo produtivo. Para Albuquerque (1987) “este é um problema dinâmico, que se torna particularmente preocupante quando se trata de discussões sobre comércio entre países em estágios desiguais de desenvolvimento” (p.95).

A teoria marxista descreve que a distribuição é desigual de acordo com as classes sociais que estão participando nas etapas de produção (burguesia e proletariado). Utilizando dessa premissa, a teoria do sistema-mundo estende essa questão para as regiões que compõem o modelo de produção capitalista moderno. Reforça que além das disparidades sociais, a distribuição do excedente produtivo também é assimétrica e faz com que ele permaneça concentrado nas regiões centrais que são, para Arienti e Filomeno

(...) apoiados por Estados Nacionais, que absorvem o excedente não só gerado pelos seus trabalhadores, como na explicação marxista, mas também parcela do excedente gerado pelos trabalhadores concentrados em outras regiões, conceituadas como periféricas. (ARIENTI; FILOMENO, 2007, p. 106)

Como dito anteriormente, a dinâmica que acontece dentro da economia-mundo ocorre via fluxos de capitais e de mercadorias e é diferenciada em três níveis estruturais: centro, semiperiferia e periferia. O relacionamento entre eles além de comercial é também cultural e político e essas integrações ajudam nas transformações sistêmicas ocorrem por meio de ciclos (OSÓRIO, 2018).

No decorrer de vários processos históricos que aconteceram desde o século XVI, esses ciclos sistêmicos foram caracterizados principalmente pela mudança de liderança e dominação de um Estado hegemônico em relação aos demais, como foi o caso da *Pax Britannica* e da *Pax Americana*¹ onde ambas tiveram fases de expansão hegemônica, mas também de crises. Em virtude do sistema interestatal ser formado por entidades soberanas que compõem a economia-mundo moderna, o poder hegemônico exercido é “aquele que se distingue pela proeminência (comando, liderança e influência) nesse espaço, ainda que não possa controlá-lo

¹Durante 100 anos, entre 1815 a 1914, o poder hegemônico que dominava o sistema mundial era exercido principalmente pelo Império Britânico, que foi substituído posteriormente pelo domínio estadunidense por conta da ascensão pós-Primeira Guerra (Yozwiak, 2019), Disponível em: <<https://l1nq.com/bV299>>. Acesso em: 20 maio. 2023.

plenamente, em função da particularidade do sistema-mundo” (OSÓRIO, 2018, p.113).

Para os teóricos, a competição que acontece dentro sistema interestatal garante a manutenção e a existência do capitalismo e vice-versa, uma vez que capitalismo não existiria se somente um Estado dominasse o sistema inteiro (SHANNON, 1996). Assim, pode-se dizer que os ciclos hegemônicos que aconteceram ao longo da história ajudaram a moldar (ao invés de determinar) os rumos dos sistemas interestatais.

Contudo, é preciso destacar que esses rumos são definidos por países que estão no topo da economia-mundo, ou seja, que possuem sobretudo dominância político-econômica dentro dos processos produtivos presentes na DIT. Essas nações são denominadas “centro” e consistem naquelas que possuem complexidade nas suas atividades econômicas, detêm uma produção agroindustrial eficiente e alto nível de acumulação de capital (SHANNON 1996; THOMPSON 1983).

Dentro da DIT o centro é especializado na produção de bens mais avançados tecnologicamente, com maior valor agregado e de grande sofisticação, situação que acontece por conta do investimento intensivo de capital voltado para os métodos de produção e desenvolvimento de alta tecnologia.

Wallerstein (1974) defende que as atividades do centro consistem naquelas que recebem altas taxas de retorno (lucro) como reflexo de uma base produtiva que coleta altos investimentos de capital. Em contrapartida, Giovanni Arrighi (1986) argumenta que por mais que o lucro nos países centrais seja alto, tal fator não é atribuído somente pelo direcionamento do capital, mas também por conta da capacidade que esses Estados têm de proteger suas atividades econômicas da concorrência, fator que poderia baixar os preços e, conseqüentemente, o lucro do centro. Apesar disso, ambos teóricos consideram que ao longo da história do sistema-mundo a quantidade de países que compõem o nível central ficou limitada à Europa Ocidental, aos Estados Unidos e ao Japão a partir dos anos 70.

Do lado oposto estão os países denominados periféricos, onde a atividade econômica é menos sofisticada tecnologicamente, embora possua uma força de trabalho mais intensa em comparação ao que é produzido no centro. Tais atividades econômicas também estão sujeitas a concorrência global, baixos preços e lucros.

Para Arrighi , ao longo da era moderna, além das exportações dos países periféricos serem reduzidas em *commodities* agrícolas e matérias-primas, elas são concentradas especialmente nas regiões da América do Sul e Caribe, África e Ásia (SHANNON, 1996). Assim, pode-se dizer que as relações centro-periferia são estruturadas por cadeias de mercadorias que vão além de suas fronteiras nacionais e, conforme exposto por Arrighi,

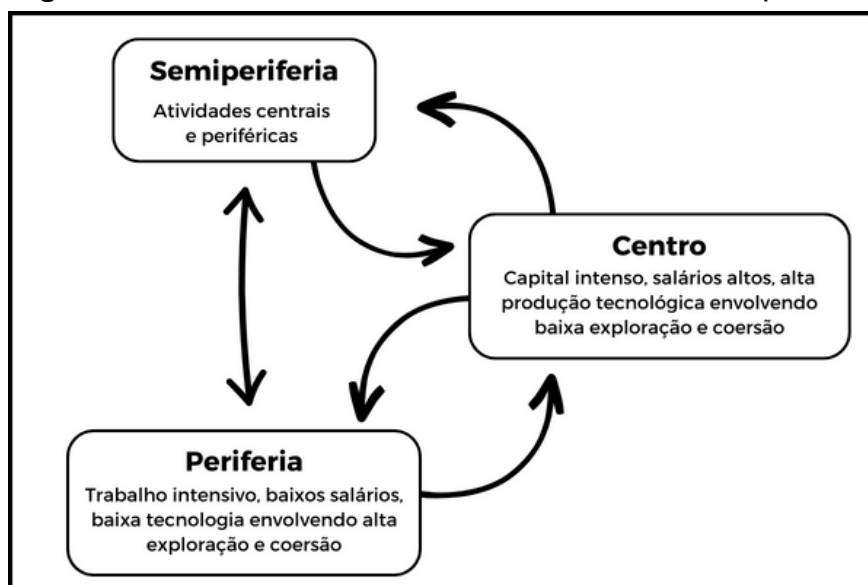
(...) todos os Estados incluem, dentro de suas fronteiras, tanto atividades do núcleo orgânico² como periféricas. Alguns (países do núcleo orgânico) incluem predominantemente atividades do núcleo orgânico, e alguns (países periféricos) incluem atividades predominantemente periféricas. Consequentemente, os primeiros tendem a ser o *locus* de acumulação e poder mundiais, e os segundos, o *locus* da exploração e da impotência. (ARRIGHI, 1986, p.140)

O autor ainda reforça que a legitimidade e a estabilidade do sistema-mundo, mesmo quando esse sistema é desigual entre os Estados que o compõem, são reforçadas pela existência de países semiperiféricos, ou seja, um nível intermediário na DIT. Nesse caso, tais países são definidos por combinarem atividades centrais e periféricas dentro de suas fronteiras, ao mesmo tempo que conseguem resistir à total periferização por não possuírem poder suficiente para alcançar o status do centro (ARRIGHI, 1986).

Em suma, as sociedades periféricas se especializam na produção de bens essenciais para as atividades do centro e da semiperiferia. Em troca, os países do centro produzem bens com alta tecnologia e assim acumulam mais capital — que na teoria deveria voltar para a periferia e a semiperiferia. Já a semiperiferia possui um papel duplo: ao mesmo tempo que exportam para o centro bens similares aos produzidos na periferia, também exportam para a periferia bens similares aos produzidos no centro. Em retorno, recebem da periferia bens feitos com baixa tecnologia e que utilizam trabalho intensivo, enquanto o centro exporta métodos de alta tecnologia e capital intensivo (SHANNON, 1996). A Figura 1 exemplifica essas características que diferenciam o relacionamento entre os três:

²O termo “núcleo orgânico” também é utilizado por Wallerstein e Arrighi para representar os países do centro.

Figura 1 - O relacionamento na Economia-Mundo capitalista.



Fonte: SHANNON, 1996. Elaborado pela autora.

Wallerstein explica que o sistema mundial capitalista precisa de um setor semiperiférico por razões políticas e político-econômicas. Devido à natureza desigual que já está presente no sistema, somente a existência de países centrais e periféricos acarretaria em um mundo bipolar mais propenso a revoltas e volatilidades, ou seja, ter países no nível de semiperiferia ajudaria a estabilizar o sistema mundial (WALLERSTEIN, 1974).

Os teóricos do sistema-mundo consideram esse relacionamento entre centro-periferia como fundamentalmente exploratório, uma vez que as trocas econômicas favorecem os capitalistas do centro às custas da periferia. Então, mesmo que as sociedades periféricas produzam mais que o centro, a maioria da riqueza e do lucro gerada por elas flui até o centro (SHANNON, 1996; WALLERSTEIN, 1974).

Em síntese, Arrighi e Drangel (1986 apud GRELL-BRISK, 2017) conceberam um método simples para descobrir em qual nível um país está colocado: a abordagem consistia em usar o Produto Interno Bruto (PIB) per capita para medir a mistura entre as atividades centrais e periféricas de um estado dentro da divisão mundial do trabalho.

Para esses autores,

As atividades centrais comandam recompensas agregadas que incorporam a maioria, senão todos os benefícios gerais da divisão mundial do trabalho, enquanto as atividades periféricas comandam

recompensas agregadas que incorporam poucos, se houver, desses benefícios (...) A diferença no comandado sobre os benefícios total da divisão mundial do trabalho devem necessariamente ser refletivas em diferenças proporcionais no PIB per capita dos Estados em questão.³ (ARRIGHI; DRANGER, 1986, p.31 apud GRELL-BRISK, 2017, p.3, tradução nossa)

Dessa forma, se o controle dos lucros total na divisão mundial do trabalho é diferente entre os países, o PIB se torna uma medida razoável para determinar a estratificação desses Estados.

A luz da teoria apresentada e, buscando compreender a relação entre Uzbequistão-China e o caráter de ambos na economia mundial, nas próximas duas seções serão descritos seus pontos econômicos, sociais e políticos. Tais fatores são fundamentais para entender as características que os acompanham ao longo da história contemporânea. Ademais, ajudam sobretudo no que diz respeito à relação que os dois têm com a cadeia produtiva do setor têxtil.

³Core activities command aggregate rewards that incorporate most, if not all the overall benefits of the world division of labor, whereas peripheral activities command aggregate rewards that incorporate few, if any, of those benefits... The differences in the command over total benefits of the world division of labor must necessarily be reflected in commensurate differences in the GNP per capita of the states in question. (ARRIGHI; DRANGER, 1986, p.31 apud GRELL-BRISK, 2017, p.3)

3 CADEIA GLOBAL DE VALOR E O *FAST FASHION*

Dentro da perspectiva do sistema-mundo, as Cadeias Globais de Valor desempenham um papel importante, pois descrevem o processo em que diferentes etapas da produção são fragmentadas e distribuídas em vários países ao redor do mundo, de acordo com suas vantagens comparativas. Essas cadeias envolvem a coordenação de diferentes atividades produtivas em múltiplas localidades, resultando em uma interdependência econômica global, especialmente a partir dos anos 70.

Assim, o presente capítulo propõe explicar o conceito de Cadeia Global de Valor, o crescimento do fenômeno *fast fashion*, e buscando compreender a relação entre Uzbequistão-China e o caráter de ambos na economia mundial, serão descritos seus pontos econômicos, sociais e políticos. Tais fatores são fundamentais para entender as características que os acompanham ao longo da história contemporânea. Ademais, ajudam sobretudo no que diz respeito à relação que os dois têm com a cadeia produtiva do setor têxtil.

A economia mundial mudou muito na era contemporânea, sobretudo após o crescimento da globalização, resultado do avanço dos meios de comunicação, transporte e do fortalecimento das transações econômicas e comerciais entre os países do sistema internacional. Tais mudanças afetam como e porquê os países se desenvolvem (ou não) na economia global, além de estabelecerem a hierarquia entre centro, semiperiferia e periferia. Gereffi (2018) considera que a mobilidade para cima ou para baixo nessa hierarquia é condicionada pelos recursos ou obstáculos associados ao modo de incorporação de um país na economia mundo capitalista.

O principal conceito das Cadeias Globais de Valores pode ser descrito como um arranjo econômico e produtivo em que diferentes etapas do processo de produção de bens e serviços são realizadas em diferentes países ao redor do mundo. Essas etapas envolvem a participação de empresas de várias regiões e cria uma rede global de interdependência e relações comerciais (GEREFFI 2018).

O autor descreve que sair de uma posição na economia mundial leva o país a assumir um novo papel na DIT, mas não é possível ele sair inteiramente do sistema e destaca que as possibilidades de desenvolvimento também são limitadas. Para Gereffi *et al.* (2001), ao analisar o fenômeno da globalização sob a perspectiva das

Cadeias Globais, é possível notar que o comércio global é conduzido dentro de empresas multinacionais ou por sistemas de governos que unem essas empresas por meio de acordos de comércio. Ou seja, existem várias formas de redes de governança entre mercados independentes e grandes corporações verticalmente integradas. Em suas obras, Gereffi destaca quatro características das cadeias de valor, são elas:

- 1) Possui estrutura de entrada e saída, com fluxos de matérias-primas, bens intermediários e produtos acabados, bem como conhecimento ligado ao processo de criação e de valor desses produtos;
- 2) Mapa de concentração geográfica ou dispersão das redes de produção e marketing compostas por uma cadeia de atores;
- 3) Estrutura de governança, entendida como relações de autoridade e poder que determinam como os recursos materiais e humanos são distribuídos dentro de uma cadeia;
- 4) Estrutura institucional que fornece o contexto nacional e internacional para a interação dos segmentos da cadeia;

Esses padrões de governança não são estáticos ou estritamente associados a setores específicos, uma vez que dependem de como as interações entre os atores são gerenciadas e podem variar de um estágio de cadeia para outro (GEREFFI, 2018). Algumas empresas direta ou indiretamente influenciam na organização global da produção, logística e marketing. Através dessa estrutura de governança, elas tomam decisões que têm consequências importantes para o acesso de empresas de países em desenvolvimento no mercado internacional e no alcance de suas atividades. Dessa maneira, quanto mais empresas estão envolvidas nas especificações dos produtos, mais provável é a sua participação no desenvolvimento de uma governança para coordenar a cadeia de suprimento pois, além de definirem o que será produzido pelo fornecedor, também especificam e padronizam os processos a serem usados (GEREFFI *et al.*, 2001).

Para o autor, existem 5 tipos de governanças nas CGV, entretanto iremos focar em apenas duas delas: as cadeias de valor cativas e as relacionais. As cadeias cativas tem como principal característica um alto grau de monitoramento e controle das empresas líderes sob os demais e, como consequência, os pequenos

fornecedores dependem transacionalmente de compradores muito maiores além de enfrentarem custos de trocas significativos, ficando submetidos a uma relação assimétrica. (GEREFFI, 2018, p.113). Já nas cadeias de valor relacional acontecem interações complexas que criam dependência mútua e altos níveis de especificidade dos ativos que são produzidos. Geralmente ela ocorre entre atores que possuem proximidade espacial, são regiões fronteiriças ou quando são trocas que acontecem a muito tempo, mesmo entre países distantes geograficamente. Nesse caso o autor considera que existe uma troca mais equilibrada, com diálogo, diplomacia e confiança entre as partes.

Em relação à indústria do vestuário, Gereffi (2018) descreve uma mudança no modelo de governança da cadeia, passando de cativa para relacional. A indústria do vestuário é caracterizada por redes globais de produção desde meados do século XX e a expansão da base de fornecimento e da capacidade produtiva contribuíram para que, ao longo do tempo, essas trocas passassem de cativas para relacionais.

O epicentro da produção de vestuário tem sido principalmente os países da região da Ásia Oriental, como o Japão nos anos 1950 e 1960, Hong Kong, Coréia e Taiwan nos anos 70 e 80 e a China a partir de 1990. O sucesso dessas economias se deu por conta de mudanças do processo produtivo: os países citados saíram da mera montagem de insumos importados em zonas específicas, para a produção *full-package*, ou seja, tornaram-se responsáveis pela produção e finalização de bens com maior valor agregado para exportação, resultando também no fortalecimento das integrações internas dos países.

O modelo cativo, segundo Gereffi (2018), exigia uma coordenação explícita das empresas na forma de cortar os tecidos e no detalhamento das instruções, ao passo que a troca para a produção *full-package* envolveu formas complexas na coordenação da cadeia, somadas com a troca de conhecimento entre as firmas e a autonomia dos fornecedores no processo produtivo, caso típico de cadeias relacionais pois elas dependem da confiança entre as partes. O autor destaca que esse modelo faz com que os fornecedores desenvolvam capacidade de interpretar projetos, fazer amostras, obter insumos, monitorar a qualidade, atender o preço e garantir entrega no prazo, além de permitir que firmas locais aprendam a produzir bens competitivos internacionalmente.

Outro fator que impactou a governança na CGV do vestuário foi a criação de regras comerciais, que ajudaram moldar as atividades econômicas transfronteiriças, sobretudo após o Acordo Multifibra, responsável por estabelecer cotas de importação dos Estados Unidos que alimentaram a disseminação das redes globais de produção a partir da década de 1970, bem como gerou o surgimento de empresas asiáticas responsável por coordenar os fluxos de pedidos dos Estados Unidos que estavam cada vez maiores (GEREFFI, 2018). Todavia, o Acordo durou somente até 2005, após dar espaço para o acordo da Organização Mundial do Trabalho (OMT) que integrava roupas e têxteis. Dessa forma, a produção global permaneceu concentrada entre as empresas mais capazes de produzir em locais com baixo custo, isto é, China, Índia, Indonésia, México e Turquia.

No artigo de 2001 intitulado “*Introduction: Globalisation, Value Chains and Development*”, Gereffi *et al.* já estavam debatendo sobre as futuras tendências da CGV, destacando que empresas grandes ficariam focadas no marketing e no desenvolvimento criativo dos produtos enquanto a produção ficaria com os fornecedores, que nesse caso também podem atender mais de uma firma do mesmo segmento. Os autores também abordam o papel da internet (que na época da produção do artigo ainda não era tão acessível) na diminuição das barreiras de entrada de novas firmas na CGV. Contudo, salientam que com isso há um aumento nos custos de marketing, anúncios e na promoção da marca, fatores que resultam em maior diversidade nos produtos e competição internacional, mas que diminuem a vida útil do produto já que sempre existe a necessidade de atualização e inovação.

De fato, as tendências apontadas pelos autores ainda em 2001 se tornaram verdadeiras e fazem parte da produção têxtil que temos nos dias atuais, sobretudo após o crescimento acentuado do fenômeno do *fast fashion*, tópico que será abordado a seguir.

3.1 FAST FASHION: COMO CHEGAMOS ATÉ AQUI?

Durante muitos séculos as roupas foram feitas manualmente por artesãos e a capacidade de produção era muito reduzida, destinadas principalmente a classes sociais dominantes e por um alto custo. Todo esse cenário mudou durante o período da Revolução Industrial que se iniciou no século XVIII e ganhou impulso na década de 1760 com a produção avançando do nível artesanal para a manufatureira.

A partir daí, a indústria têxtil começou a produzir em escala global e em maiores quantidades, com preço acessível para a população, democratizando, assim, a demanda e a oferta de roupas que antes eram destinadas apenas para as classes sociais de maior importância e poder aquisitivo (ORMEZZANO, 2017).

Como apontado por Gereffi (2018), a indústria têxtil é a primeira etapa do processo de industrialização da maioria dos países e pode ser dividida entre os produtores de têxteis e os fabricantes de vestuário. Enquanto as empresas têxteis são grandes e intensivas em capital, com instalações integradas de fiação, tecelagem e direcionadas para a produção de tecidos, toalhas, fronhas, tapetes etc, a indústria de roupas tem como característica a fragmentação do seu processo produtivo, utilizando muitas fábricas pequenas e intensa mão-de-obra com baixos salários (GEREFFI, 2018).

Desde a década de 1980, “a moda vem se tornando cada vez mais rápida e transitória” (MUNHOZ, 2012, p.22). A ascensão da internet e o crescimento dos meios de comunicação e de transporte, contribuíram para a integração de mercados e facilitaram o acesso dos consumidores às informações e aos produtos. Com isso, a indústria de vestuário começou a intensificar cada vez mais sua produção, comercialização e divulgação, assim, conforme apontado pelo autor Enrico Cietta (2012),

As empresas *fast fashion* foram consideradas capazes de utilizar o designer, promotoras de um consumo “*fast*” semelhante ao que aconteceu na alimentação com as cadeias de *fast food*. A velocidade de resposta ao mercado é considerada a verdadeira alavanca competitiva; os custos baixos dos seus produtos são obtidos principalmente pela exploração de seus fornecedores, aos quais impõem preços e condições de entrega que levam, inevitavelmente, à exploração de mão-de-obra. (CIETTA, 2012, p.19, grifo nosso).

Nos últimos anos, o consumo exacerbado tem aumentado ao redor do mundo, assim como a frequência em que as marcas lançam suas novas coleções, que antes eram quatro ao ano (uma a cada nova estação) e, atualmente a média é de 52 micro coleções anuais, ou seja, praticamente 1 nova coleção a cada semana.

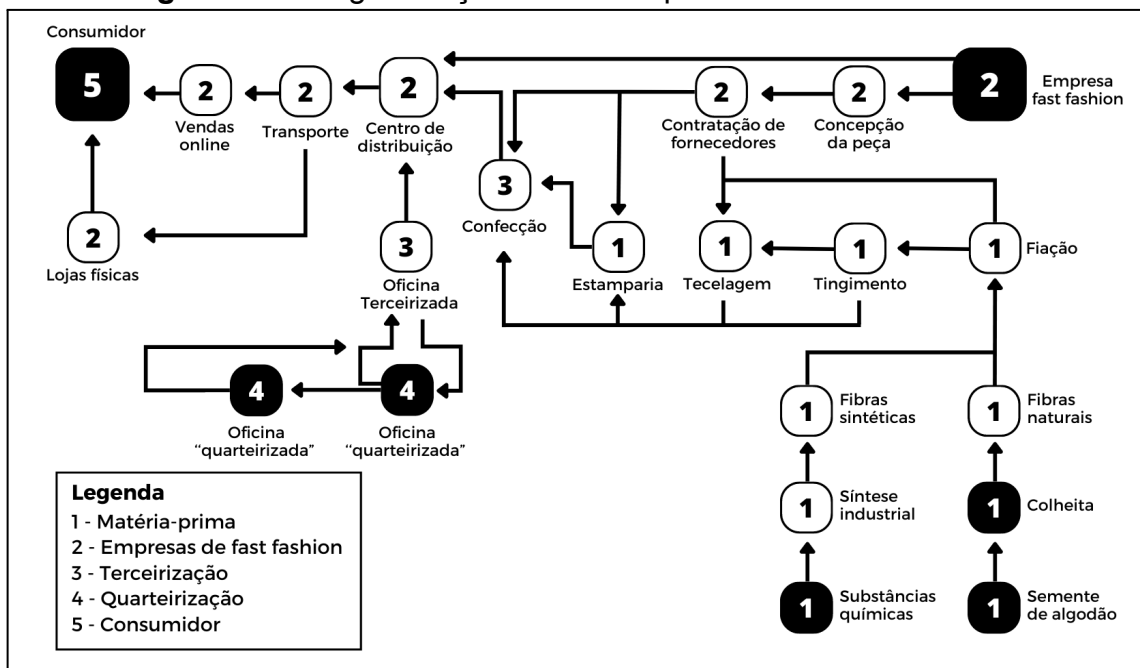
Uma das empresas precursoras deste modelo foi a espanhola Zara, que nos anos 1990 já produzia roupas parecidas com as de grifes de luxo famosas, mas vendia a um preço mais baixo, com menor vida útil dos produtos e qualidade do acabamento, apesar da padronização. Esse movimento de se inspirar nas grifes ao invés de fazer uma coleção conceitual própria atraiu um novo público que não era

consumidor. Com isso, a empresa começou a desenvolver seus produtos, desde a criação até a venda da peça nas lojas, em um prazo de um mês e meio, sendo que antes esse processo precisava de 4 ou 5 meses para ser concluído totalmente (DW Documentary, 2021; ROUSSENQ, 2017).

Nas etiquetas da Zara, por exemplo, podem ser encontrados peças feitas em Bangladesh, Camboja, Laos, Vietnã, Marrocos, Indonésia, Índia e China, e isso afirma como a cadeia produtiva está espalhada por todo mundo, dependendo do tipo do material utilizado na produção da mercadoria (ROUSSENG, 2017).

A Figura 2 é um exemplo de como acontece a fragmentação produtiva no caso de empresas que seguem o modelo de *fast fashion*, além da a ligação dos processos entre as várias partes envolvidas que estão espalhadas em regiões diferentes, mas que trabalham em conjunto para entregar o produto final.

Figura 2 - A fragmentação da cadeia produtiva do *fast fashion*.



Fonte: Revista Galileu. Elaborado pela autora.

Na Figura 2, a etapa 1 é representada pelos países fornecedores de matéria-prima, sejam elas naturais ou sintéticas. Aqui estão presentes países produtores de algodão como Uzbequistão, Índia, Brasil e China. Nesta etapa, como visto anteriormente, ocorrem diversas denúncias de exploração nas plantações.

A etapa 2 representa o papel das empresas de *fast fashion* e é concentrada em países europeus e nos Estados Unidos. Essa parte cria o conceito das peças e

contrata os fornecedores terceirizados que irão confeccioná-las. Quando o produto final fica pronto e chega nos centros de distribuição, as empresas são responsáveis por enviar as peças para suas lojas físicas e/ou colocar no site para venda online. O marketing para atrair os consumidores (etapa 5) e todo planejamento comercial também é realizado diretamente pelas *fast fashions*.

Já a etapa 3 fica a cargo dos países produtores de têxteis e variam de país de acordo com o tipo do tecido que é utilizado nas roupas. Os principais destaques no caso das peças de algodão são Bangladesh, China, Vietnã e Índia, mas em outros tipos de tecidos podemos incluir países como Marrocos, Laos, Indonésia e Camboja. Para suprir a alta demanda de pedidos, as empresas terceirizadas muitas vezes repassam o trabalho para oficinas menores (etapa 4). Em ambas etapas (3 e 4), há riscos de trabalhos análogos à escravidão.

Isso mostra como é a separação entre a produção (países periféricos) e o conceito, venda e distribuição das roupas (países centrais). Por ser uma indústria bem fragmentada, os efeitos nocivos causados por ela são sentidos em várias regiões do mundo e afetam principalmente os países periféricos, como é o caso do algodão uzbeque e da exploração de mão-de-obra intensa de países como Índia e Bangladesh (ROUSSENQ, 2017).

O modelo de produção do *fast fashion* vem sendo criticado a vários anos devido aos impactos da sua produção. O aumento da capacidade produtiva está diretamente relacionado com o aumento do volume de roupas produzidas e os impactos dessa produção são profundos a níveis socioambientais. A seguir será destacado, em três sub tópicos, os principais efeitos e as críticas que estão sendo feitas às empresas que possuem sua cadeia produtiva baseada no *fast fashion*.

3.1.1 Exploração de mão-de-obra

Como mostra a Figura 5 da seção anterior, a cadeia produtiva do vestuário é fragmentada desde o fornecimento da matéria-prima até a confecção e comercialização final do produto. Por possuir muitas etapas e atores que fazem parte de todo o processo, fazer a rastreabilidade dessa cadeia que está espalhada e saber se existe a garantia dos direitos dos trabalhadores em todas elas são tarefas extremamente difíceis.

Diversas empresas já sofreram denúncias de trabalho escravo e infantil, condições de trabalho precárias e insalubres (Anexo B), além da baixa remuneração já citada. Para os pesquisadores do documentário “*The truth behind fast fashion: are fashion retailers honest with their customers?*”, da DW Documentary (2021), quem é o primeiro fornecedor (etapa 1) sofre mais por ter a pressão de conseguir as matérias-primas e a fase inicial das peças a um baixo custo, em muita quantidade e em pouco tempo. Isso ocasiona o aumento da exploração dos trabalhadores e em salários cada vez mais baixos para ter mais lucro na hora da venda aos fornecedores seguintes (etapa 3 e 4).

Embora as empresas possuam a consciência de que denúncias de exploração podem manchar a imagem da marca com o público, já houve diversas denúncias desta natureza com grandes nomes do segmento como a Zara, H&M e até mesmo marcas brasileiras como a Renner. Como consequência destes escândalos, as empresas de *fast fashion* estão criando departamentos internos para tentar fiscalizar a cadeia produtiva, evitando casos que possam prejudicá-las, como foi o caso da campanha de boicote criada pelas grandes marcas contra a compra do algodão do Uzbequistão após as denúncias de trabalho infantil (DW Documentary 2021; MUNHOZ 2012).

Uma marca de *fast fashion* que está chamando atenção nos últimos anos, sobretudo pela falta de transparência em sua cadeia de produção é a chinesa Shein. Uma matéria investigativa publicada pelo jornal suíço Public Eye em 2021, mostra como são as condições precárias nesse modelo de negócio. Na época da matéria, a Shein possuía parceria com 17 empresas fornecedoras que alimentavam sua cadeia produtiva, todas elas localizadas na região de Guangzhou. Esses fornecedores estão incorporados no software da própria empresa, onde as encomendas podem ser distribuídas entre eles de forma automática” (PUBLIC EYE, 2021). Isso permite que a Shein responda às tendências com rapidez incomum, sendo supostamente capaz de produzir uma peça de roupa em uma semana (do design da peça à embalagem).

Entretanto, essa rapidez tem um custo. Os fornecedores contratados pela empresa para confeccionar as peças são alvos de diversas denúncias, com trabalhadores que chegam a ultrapassar 75 horas semanais. A ausência de contratos de trabalho, os espaços apertados e pouco seguro para trabalhar também

são preocupações levantadas pelo jornal. Pilhas de roupas e tecidos trancam os corredores e tornam difícil a circulação pelo ambiente, a falta de sinalização, as janelas com grade e ausência de saídas de emergência são fatores que podem ser extremamente perigosos caso seja necessário evacuar o local (PUBLIC EYE, 2021). Apesar da matéria ser focada na produção da Shein, as condições precárias de trabalho e a alta jornada de trabalho semanal são comumente vistas em várias empresas que utilizam o modelo *fast fashion*.

3.1.2 Marketing e consumo excessivo

Outro fator característico das empresas que seguem o padrão *fast fashion* é a sua forte presença no mundo digital, tanto em lojas virtuais quanto por meio de anúncios e propagandas nas redes sociais. Cientificamente, o ato de comprar muda o humor das pessoas, traz uma sensação de satisfação e o marketing das companhias intensifica propositalmente esse comportamento consumista da sociedade. O acesso instantâneo a tantas opções, afinal cada semana existem novos modelos de roupas disponíveis nos sites, e a facilidade de comprar os produtos de outros países, mesmo que eles demorem para chegar, são condições que surgiram sobretudo com o avanço da internet. A cada ano, esse comércio se potencializa, com mais usuários comprando produtos *online* (MUNHOZ, 2012).

Mídias sociais como Instagram, Youtube e TikTok são ferramentas muito utilizadas pelas marcas para lançarem propagandas de suas mini coleções com o intuito de atingir seu público alvo e incentivar a compra das peças. A Shein é um exemplo de empresa que usa das redes sociais para fomentar a venda de seus produtos, principalmente para identificar as novas tendências da moda e aplicá-las em novas coleções que atraiam os consumidores. A marca faz diversas parcerias com influenciadores digitais e celebridades famosas para fomentar ainda mais a venda das roupas *online* e atrair o consumidor.

No caso da Shein, as roupas são majoritariamente vendidas pela internet ou pelo aplicativo da marca, o que também ajuda a diminuir o custo da empresa, já que não tem gastos para manter lojas físicas, como é o caso da Zara, por exemplo (PUBLIC EYE, 2021).

Em sua grande maioria, as *fast fashions* são destinadas ao público feminino e copiam o design de roupas de grifes por um preço bem mais acessível (às custas da

exploração do trabalhador). Em alguns produtos os preços chegam a ser até 80% mais baratos, e esse atrativo aumenta a vontade das consumidoras em comprar as peças para seguirem as tendências atuais, apesar da qualidade do produto ser bem inferior.

O fato de novas linhas de roupas serem lançadas a cada semana faz com que, dentro de um curto período de tempo, as coleções vão sendo consideradas “ultrapassadas” e não são mais atrativas ao público. Como consequência, todo esse consumo exagerado e a produção de peças que não são vendidas têm impactos significativos no meio ambiente. Todo esse excesso de roupas (descartadas pelos consumidores após o uso e também de peças/tecidos que sobraram da produção exagerada) é destinado para várias regiões do mundo, conforme pode ser visto no Anexo B (ROUSSENQ 2017; MUNHOZ 2012).

3.1.3 Meio ambiente e sustentabilidade

A quantidade de roupas produzidas pelas *fast fashion* com certeza é um dos pontos mais criticados em relação a esse modelo. Peças feitas em várias cores e tamanhos depois de um tempo acabam sobrando por falta de demanda e pela rapidez em que os novos produtos estão disponíveis para os consumidores. Embora essas peças sejam colocadas em promoção para limpar o estoque, ainda podem demorar para serem completamente retiradas das lojas físicas e *online*. Esse movimento fez com que as empresas procurassem soluções que otimizem seu estoque e colocassem a reciclagem das peças com uma maneira de minimizar os impactos (DW Documentary, 2021)

Além disso, passar a imagem de que são “amigas” do meio ambiente e que estão engajadas com a causa da reciclagem ajuda no marketing dessas companhias e podem influenciar no aumento de suas vendas. Já faz alguns anos que a Zara promete fazer novas roupas utilizando tecido de peças antigas que são “doadas” pelos clientes. Para incentivar os clientes a entregar as peças antigas, a empresa garante 15% de desconto para o consumidor como incentivo para a próxima compra. A campanha foi bem-sucedida, recolhendo cerca de 16 toneladas em 2016 e 29 toneladas em 2019 ao redor do mundo e, apesar de ser uma ação positiva para a marca, mostra de fato como o setor de vestuário produz muitos excessos e abre

espaço para uma reflexão sobre o quanto desse material está circulando pelo globo de uma forma não sustentável (ROUSSENQ 2017; MUNHOZ 2012).

Embora essas empresas anunciem que usam o material recolhido para confeccionar novas peças, garantindo produtos com 70% de fibras sintéticas para diminuir a circulação de mais têxteis no mundo, para os especialistas essa não é uma verdade absoluta. As etiquetas das roupas ditas “sustentáveis”, que na teoria foram feitas a partir de roupas velhas, não mostram nenhuma evidência concreta dessa origem, ou seja, não é um processo totalmente transparente com o consumidor (DW Documentary, 2021).

Segundo os especialistas do setor vestuário, essas peças são parcialmente recicladas e, mesmo assim, não informam ao consumidor a quantidade de tecidos antigos que está nas novas roupas, deixando as informações confusas para o consumidor entre o que é feito de fato e o discurso sustentável das empresas de *fast fashion*. Então, se as roupas deixadas nas lojas não são utilizadas para a confecção de novas peças, para onde vai todo esse material? No documentário investigativo, as roupas e calçados de segunda mão são vendidas para países da Europa oriental como Polônia, Romênia e Bulgária e são utilizadas principalmente como combustível para as pessoas se aquecerem.

Entretanto, a queima de produtos têxteis solta uma fumaça tóxica para a saúde das pessoas e também para a atmosfera já que contém muitos sintéticos e componentes químicos na sua confecção. Geralmente as peças são vendidas por quilo e são destinadas a população mais pobre desses países, que não possuem eletricidade nem aquecimento em casa, tornando mais fácil comprar os restos de tecido para queimar e aquecer o ambiente (DW Documentary, 2021).

Assim, as roupas de segunda mão são vendidas e as peças em condições ruins são usadas como materiais isolantes ou como trapos, ou seja, as roupas que os consumidores levam a essas empresas são transformadas em panos de limpeza e não necessariamente viram uma nova peça com material reciclado.

Podemos dizer que o meio ambiente é um dos âmbitos mais afetados pelo crescimento das marcas de *fast fashion* e temos diversos exemplos que comprovam os efeitos negativos que essa cadeia produtiva causou no mundo, desde o fornecimento de matérias-primas até o descarte de peças velhas (Anexo B). Um estudo feito afirma que mais da metade das roupas feitas nesse modelo são

descartadas em menos de um ano. Esse dado mostra como é alta a rotatividade das peças (THE UNIPLANET, 2017). Assim, principais consequências que podemos observar com o aumento do *fast fashion* são:

- O encolhimento do Mar do Aral no Uzbequistão para utilizar a água nas plantações de algodão;
- O uso de químicos e agrotóxicos nas fazendas de matéria-prima para acelerar a produção;
- O uso excessivo da água em várias etapas produtivas, seja na plantação das matérias-primas ou no tingimento dos tecidos.
- A poluição de vários rios na Indonésia próximos às indústrias têxteis por conta dos produtos utilizados para tingir os tecidos (Anexo C);
- Toneladas de gás carbônico emitido pelas inúmeras indústrias têxteis espalhadas pelo mundo e que contribuem pro aquecimento global;
- O problema com o descarte das roupas, que em sua maioria vão parar em aterros ou são queimadas, poluindo mais ainda a atmosfera (Anexo B);

Para os especialistas, a questão da sustentabilidade é um dos maiores desafios dessas empresas pois, para eles, o *fast fashion* não consegue ser um modelo sustentável e o único produto têxtil sustentável é aquele que não é produzido (DW Documentary 2021).

3.2 UZBEQUISTÃO E O OURO BRANCO

O Uzbequistão é um país localizado na região da Ásia Central e possui fronteiras com outros 5 países que também faziam parte da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), dissolvida em 1991, conforme se observa pela Figura 3, abaixo. Com aproximadamente 34 milhões de habitantes, o Uzbequistão é o país mais populoso da região, detém diversidades étnicas, religiosas e culturais que foram o resultado dos milhares de anos de trocas com outros povos (UNDP Uzbekistan, 2023).

Por conta da sua localização geográfica no coração da Ásia Central, o país se tornou um ponto de cruzamento entre diferentes rotas de comércio que saíam da Ásia com destino a Europa e ao Oriente Médio. Cidades como Samarcanda e a

capital Tashkent se tornaram importantes centros comerciais e de trocas, sobretudo para aqueles que transitavam na Rota da Seda⁴.

Figura 3 - Mapa político da Ásia Central.



Fonte: Wikivoyage.

Rico em recursos naturais como gás natural, carvão, ouro, urânio e prata, a economia do Uzbequistão é baseada na agricultura, na mineração, na exploração do gás natural, petróleo e também na indústria têxtil (The World Factbook, 2023). Apesar de ter um clima deserto e semiárido, uma das maiores riquezas do país é o algodão, que recebeu o apelido de “*The White Gold*”, ou seja, “O Ouro Branco”, dada sua forte influência na economia interna e externa do Uzbequistão.

O setor algodoeiro tem participação expressiva nas transações e no comércio internacional do país, ocupando uma parcela significativa no valor do PIB e nas exportações realizadas, inclusive posicionando o Uzbequistão como um dos maiores produtores e exportadores mundiais da fibra.

Em 2018, o país foi o quinto maior exportador da fibra de algodão, somando \$727M (cerca de 6,77% de todos os produtos exportados naquele ano), ficando apenas atrás de países como Índia (\$3.95B), China (\$1.77B), Paquistão (\$1.25B) e

⁴A Rota da Seda foi uma antiga rede de vias comerciais, formalmente estabelecida durante a dinastia Han na China, que ligou as regiões do mundo antigo por meio do comércio entre 130 a.C. e 1453 d.C. [...] O grande valor da Rota da Seda foi o intercâmbio cultural. Arte, religião, filosofia, tecnologia, linguagens, ciência, arquitetura, e todos os outros elementos da civilização foram intercambiados ao longo daquelas rotas, carregados junto aos bens comerciais que os mercadores levavam de país a país. (MARK, 2018)

Estados Unidos (\$1.24B). Já em 2021 o setor representou cerca de 11% de toda a exportação do país, acumulando \$1.61B para a economia uzbeque, acréscimo de 59% em comparação a 2018 (OEC - The Observatory Of Economic Complexity, 2023).

A relação do país com o ouro branco não é recente. O algodão é cultivado na Ásia Central desde o século V e durante os 69 anos (1924-1991) em que fez parte da URSS, a produção agrícola foi fortemente estimulada pelo governo (RUDENKO, 2008). Com uso intensivo de maquinário, fertilizantes, pesticidas e outros tipos de produtos químicos, o setor algodoeiro era de extremo interesse soviético. Segundo Djanibekov *et al.* (2010),

Os investimentos soviéticos na UzSSR⁵ foram quase exclusivamente orientados para a expansão maciça da produção de algodão: entre 1913 e 1940, a área de algodão do Uzbequistão aumentou de 441.600 hectares para 1.0022.600 hectares. (...) Enquanto antes da década de 1860, o que era então Uzbequistão tinha fornecido menos de 10% do algodão da Rússia, a partir da década de 1930 tornou-se autossuficiente em algodão e até se tornou um exportador na década de 1950.⁶ (DJANIBEKOV *et al.*, 2010, p.2, tradução nossa)

Assim, a região que hoje é conhecida como Uzbequistão tornou-se a maior cultivadora e fornecedora de algodão para suprir a demanda dos soviéticos, submetendo-se a um status de produtor da matéria-prima que enviava algodão para as demais partes da federação que, em contrapartida, recebiam incentivos direcionados para especialização na confecção de roupas e tecidos, mas numa escala industrial e não agrícola (DJANIBEKOV *et al.* 2010; PURWANINGRUM *et al.* 2010; RUDENKO *et al.* 2008).

Nesse sentido, a partir da década de 1960, houve um intenso período de investimento no setor, voltados principalmente para resolver o problema da irrigação nas fazendas de algodão. Muitos rios foram desviados estrategicamente pelos soviéticos no decorrer de seu percurso com o propósito de levar água e escalonar cada vez mais a produção agrícola algodoeira.

⁵UzSSR é uma abreviação utilizada pelos autores ao se referirem à Uzbek Soviet Socialist Republic, ou seja, a República Socialista Soviética Uzbeque, parte da federação da URSS.

⁶Soviet investments in the UzSSR were almost exclusively oriented to the massive expansion of cotton production: between 1913 and 1940 Uzbekistan's cotton area increased from 441,600 ha to 1,022,600 ha. (...) Whereas before the 1860s, what was then Uzbekistan had supplied less than 10 percent of Russia's cotton, from the 1930s onward the FSU became self-sufficient in cotton and even became an exporter in the 1950s. (DJANIBEKOV *et al.*, 2010, p.2)

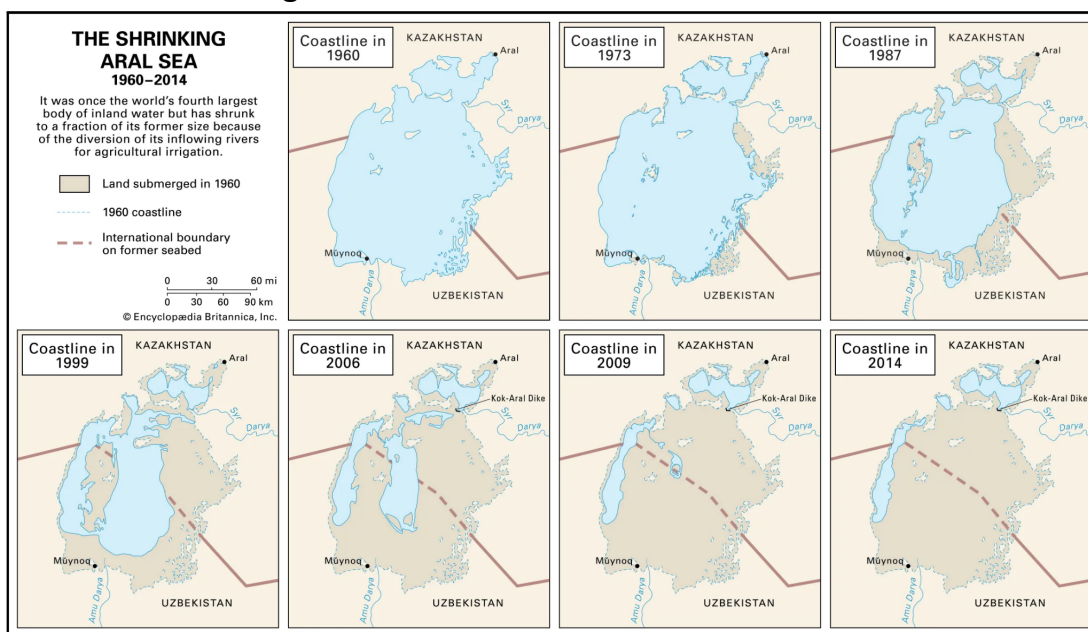
Ao mesmo tempo, o nível de dependência do Uzbequistão com a monocultura do algodão criou problemas para o país, já que outros setores agrícolas não recebiam a mesma atenção e investimento. Tal fato teve como resultado o alto nível de dependência com importações de produtos alimentícios, o uso excessivo dos recursos hídricos com os desvios dos rios e diversos problemas ambientais (RUDENKO, 2008). Uma das maiores consequências dessa interferência humana foi a redução drástica do Mar de Aral que era abastecido principalmente pelas águas desviadas para irrigação. Esse será o assunto abordado na próxima subseção.

3.2.1 O caso do Mar de Aral

Localizado na fronteira entre Uzbequistão e o Cazaquistão, o Mar de Aral já foi considerado o quarto maior lago de água salgada do mundo, chegando a cobrir uma área total de 68 mil km². Com vasta biodiversidade, o mar era fundamental para o sustento de milhões que habitavam seus entornos e sobreviviam de atividades pesqueiras. De acordo com o National Geographic (2018), o mar chegou a produzir mais de 48 toneladas de peixe, representando 13% do estoque da União Soviética.

A Figura 4 ilustra como o volume de água foi diminuindo ao longo das décadas, resultando em uma séria crise ambiental, considerada uma das piores da história contemporânea. O projeto soviético de irrigação em larga escala combinado com o clima árido da região ocasionou desequilíbrio hidrológico e o encolhimento do mar, problemas como salinização e erosão do solo começaram a surgir após anos de produção monocultural (RUDENKO, 2008). Como pode ser observado na Figura 4 entre 1960-2014 o território de abrangência do mar diminuiu em 90%, transformando praticamente toda a região num deserto (Anexo A) (QOBILOV, 2015).

Figura 4 - O encolhimento do Mar de Aral.



Fonte: Encyclopedia Britannica.

O clima local foi afetado com invernos mais frios e verões mais quentes e secos, fatores que também influenciaram em problemas de saúde na população. Mais poluição, falta de água, maior mortalidade, menor qualidade e expectativa de vida foram resquícios deixados por essa crise climática. Além de ter interferido na renda dos pescadores e prejudicado o ecossistema do mar e dos rios, que sofreu enormes quedas em biodiversidade (RUDENKO et al., 2008).

Nos anos mais recentes, como pode ser visto na Figura 3, a região não é mais formada por um único mar. Agora ela está dividida em duas partes distintas: o Mar de Aral do Norte (conhecido também como Pequeno Mar), no território do Cazaquistão e o Mar de Aral do Sul no Uzbequistão (NATIONAL GEOGRAPHIC, 2018). Na tentativa de recuperar a parte norte do mar, em 2005 o governo do Cazaquistão solicitou ao Banco Mundial US\$85 milhões em empréstimos. O projeto em conjunto era focado na reforma de diques e na construção da barragem de Kokaral que separa os dois mares.

Apesar de ser uma iniciativa de recuperação, Qobilov (2015) em uma matéria da BBC, destaca que a barragem de Kokaral não foi bem aceita pela população do Uzbequistão que morava nos arredores do mar. A justificativa utilizada foi a de que a barragem fechou a única fonte de água que estava entrando naquela parte do mar. Conforme descrito na matéria, alguns especialistas acreditam que as autoridades

uzbeques não estão muito preocupadas em salvar o Mar de Aral, já que depósitos de petróleo e gás foram identificados sob o fundo do mar e é mais fácil extraí-los em condições secas (QOLIBOV, 2015).

3.2.2 A cultura algodoeira

A região da Corásmia, localizada ao sul do Mar de Aral, é considerada uma das mais antigas do país e a principal na produção e exportação de algodão. Apesar de ser a menor província administrativa, possui aproximadamente 1.925 milhões de habitantes, sendo que em 2022 cerca de 66,9% deles trabalhavam na zona rural (CITY POPULATION, 2023). A província é historicamente muito dependente da produção algodoeira, fato relatado pela pesquisa realizada em 2005 por Rudenko *et al.* (2008) onde foi apurado que produtos à base de algodão, como fibras e fios, representavam 99% de todos os ganhos com exportação da Corásmia. Conforme relatado pelos autores, o plantio de algodão está espalhado por toda região, independente da qualidade e fertilidade do solo, ou seja, as plantações também estão em áreas marginais com pouco retorno e alto impacto ambiental.

Essa alta dependência na exportação do algodão é extremamente delicada pois deixa o país à mercê dos preços flutuantes da *commodity*. Entre 1998 e 2001 o governo uzbeque perdeu cerca de US\$1,5bi na exportação por conta das mudanças nos preços no mercado. Assim, é dentro desse contexto que surge a necessidade do governo e do setor privado reviverem o setor doméstico de fabricação de tecidos de algodão para não depender inteiramente de parceiros no exterior (RUDENKO *et al.*, 2008).

Todavia, os autores destacam que mesmo elaborando medidas para que isso ocorra, a mudança estrutural entre exportar o algodão e exportar produtos de maior valor agregado feito base de algodão, não é rápida nem suave. Como dito anteriormente, a questão estrutural traz problemas complexos de dependência tecnológica e no aprendizado do processo produtivo. Ou seja, existe dificuldade em criar políticas ambientais e acabar com a dependência no setor algodoeiro. Em 2005, ano da pesquisa, o preço do algodão era muito baixo para os fazendeiros investirem em tecnologias de conservação de terra e água, além de não receberem incentivos governamentais para efetuar tais ações (RUDENKO *et al.*, 2008).

Outro fator preocupante nas plantações algodoeiras do Uzbequistão e que chamaram a atenção da indústria têxtil internacional é o grande número de mão-de-obra escrava e até mesmo de denúncias envolvendo trabalho infantil por todo país. Por depender muito da produção da fibra, durante muitos anos no período de colheita, o governo permitiu que as administrações de suas províncias forçassem a população adulta e crianças a partir dos 7 anos a colherem algodão.

Produzido em 2012 pela Responsible Sourcing Network⁷ (RSN), o relatório intitulado “*From the Field: Travels of Uzbek Cotton Through the Value Chain*”, aponta que “devido à falta de investimento e mau estado do maquinário agrícola e suas partes desde a queda da União Soviética, **90% do algodão uzbeque é colhido à mão**”⁸ (p.8, grifo do autor). A preferência por crianças e mulheres era “justificada” em virtude da delicadeza da planta, que precisa de mãos pequenas para que seja aproveitado o máximo da fibra e para não perder o tão valioso “ouro branco”.

Em 2009 foi lançada uma campanha de boicote contra a compra de algodão com origem uzbeque, fator que afetou a exportação da fibra para países como Bangladesh, grande produtor da indústria têxtil asiática, principalmente para varejistas e marcas internacionais dos Estados Unidos e da Europa (The Daily Star, 2022) e um dos maiores importadores de algodão do mundo.

A razão determinante para a campanha foi justamente o uso de trabalho infantil e forçado que ocorria durante a época da colheita. O envio de estudantes, funcionários do setor público, professores e médicos para colher algodão por um salário escasso, já era prática comum no período em que o país era uma unidade federativa da URSS. É importante ressaltar que essas pessoas poderiam ser expulsas, demitidas ou perder seus benefícios se não cumprirem as cotas diárias.

O boicote foi encabeçado pela RSN e apoiado por empresas como Amazon, Calvin Klein, Adidas e Inditex (companhia espanhola dona marcas de *fast fashions* como Zara e Pull & Bear), que também utilizam a mão-de-obra barata e abundante dos países do continente asiático para produção de suas peças. Apesar da qualidade do algodão uzbeque, as marcas não querem sua imagem pública atrelada

⁷A RSN “se dedica a acabar com os abusos dos direitos humanos e o trabalho forçado associado às matérias-primas encontradas nos produtos que usamos todos os dias” (RSN, 2023). Disponível em: <<https://www.sourcingnetwork.org/aboutus>>. Acesso em 24 jun. 2023.

⁸Due to underinvestment shortage and disrepair of agricultural machinery and parts since the fall of the Soviet Union, 90% of Uzbek cotton is harvested by hand. (RSN, 2012, p.8)

com casos de exploração, especialmente aqueles que utilizam mão-de-obra infantil, visto o marketing negativo que pode ser direcionado a elas pelos consumidores e a opinião pública.

Segundo a reportagem do jornal The Daily Star (2022), cerca de 330 marcas e varejistas globais do setor da moda, se comprometeram em trabalhar para garantir que o trabalho forçado das fazendas algodoeiras não entre na cadeia de produção de suas peças, visando acabar com o sistema de trabalho forçado patrocinado pelo governo. Para a RSN o trabalho forçado em fazendas de algodão acontece em vários países, mas em nenhum lugar ele é mais organizado que no Uzbequistão, justamente por conta da participação e da legitimação por parte do governo. Segundo a organização,

O governo uzbeque usa a aplicação da lei local para mobilizar os trabalhadores; e detém e tortura defensores dos direitos humanos que procuram monitorar as colheitas. O governo dita o preço dos insumos (sementes e fertilizantes), controla a irrigação, diz aos agricultores o que plantar e quando plantar e compra as safras por uma fração do preço de mercado. Essa prática abusiva, uma relíquia do passado soviético do Uzbequistão, rende ao governo do Uzbequistão mais de um bilhão de dólares anualmente.⁹ (RSN, 2023, tradução nossa)

O atual presidente uzbeque Shavkat Mirziyoyev que entrou no cargo em 2016, tem gradualmente desmantelado o sistema de trabalho forçado, proibindo que estudantes e funcionários públicos saiam de suas funções para colher algodão. Mas, apesar desse avanço ter sido reconhecido pelos responsáveis da Campanha em uma conferência de imprensa no ano de 2021, eles “ainda registram sérias preocupações com a falta de progresso nas liberdades da sociedade civil”¹⁰ (The Daily Star, 2022, tradução nossa). Em 2022, a RSN publicou uma matéria intitulada “*Ending the Uzbek Cotton Pledge and the Transition to a Responsible Sourcing Approach*” que abordava o avanço que o governo teve a respeito dessa problemática, enfatizando que

Nos últimos anos, o governo uzbeque eliminou o trabalho infantil forçado patrocinado pelo estado na safra de algodão e, para a safra de algodão de 2021, a *Cotton Campaign* tem o prazer de informar

⁹The Uzbek government uses local law enforcement to mobilize workers; and detains and tortures human rights defenders seeking to monitor the harvests. The government dictates the price of inputs (seeds and fertilizers), controls irrigation, tells the farmers what to plant and when to plant it, and purchases the crops for a fraction of the market price. This abusive practice, a relic of Uzbekistan’s Soviet past, earns the Government of Uzbekistan over one billion dollars annually. (RSN, 2023)

¹⁰(...) yet also registered serious concerns over a lack of progress on civil society freedoms. (The Daily Star, 2022)

que o Uzbequistão eliminou o trabalho forçado sistêmico imposto pelo estado. Desde 2017, o governo entregou a indústria do algodão a empresas privadas – chamadas de 'clusters têxteis de algodão' – para cultivar e processar todo o algodão do Uzbequistão, bem como transformá-lo em fios, tecidos ou produtos acabados no país.¹¹ (RSN, 2021, tradução nossa)

Após mais de 13 anos o boicote foi derrubado pelas marcas em reconhecimento as mudanças realizadas pelo governo, fato que pode ser visto no seguinte trecho divulgado pela RSN (2021):

Embora o trabalho para acabar com o trabalho forçado e garantir os principais direitos trabalhistas no setor agora privatizado permaneça inacabado, estamos encorajados pelas mudanças significativas que o governo uzbeque promulgou e, portanto, decidimos suspender o Compromisso do Algodão do Uzbeque. A *Cotton Campaign* considera a proteção do trabalhador tão vital quanto o Uzbequistão começar a se juntar à economia global do algodão.¹² (RSN, 2022, tradução nossa)

A Tabela 1 mostra em números como a exportação de algodão uzbeque foi afetada pela campanha e trouxe consequências para a economia doméstica. A tabela traz os três principais importadores de algodão a cada dois anos, o valor total da troca e a sua representação em toda a exportação de algodão realizada pelo país.

¹¹In recent years, the Uzbek government eliminated state-sponsored forced child labor in the cotton harvest, and for the 2021 cotton harvest, the Cotton Campaign is happy to report that Uzbekistan has eliminated systemic, state-imposed forced labor. Since 2017, the government has turned the cotton industry over to private enterprises—called 'cotton textile clusters'—to grow and process all of Uzbekistan's cotton as well as turn it into yarn, fabric, or finished goods within the country. (RSN, 2021)

¹²Although the work to end forced labor and guarantee core labor rights in the now-privatized sector remains unfinished, we are encouraged by the significant changes the Uzbek government has enacted, and thus have decided to lift the Uzbek Cotton Pledge. The Cotton Campaign deems worker protections as vital as Uzbekistan begins to rejoin the global cotton economy. (RSN, 2022)

Tabela 1 - Exportação do algodão uzbeque (2006 - 2020)

Ano	Principais destinos	Valor (US\$)	Representação na exportação total de algodão do Uzbequistão (%)
2006	China	US\$ 465 Milhões	33,9%
	Bangladesh	US\$ 417 Milhões	30,4%
	Rússia	US\$ 124 Milhões	9,1%
2008	Bangladesh	US\$ 619 Milhões	43,80%
	China	US\$ 261 Milhões	18,50%
	Rússia	US\$ 143 Milhões	10,20%
2010	China	US\$ 735 Milhões	48,5%
	Bangladesh	US\$ 191 Milhões	12,6%
	Rússia	US\$ 160 Milhões	10,5%
2012	China	US\$ 744 Milhões	54,6%
	Bangladesh	US\$ 298 Milhões	21,9%
	Rússia	US\$ 160 Milhões	11,8%
2014	China	US\$ 510 Milhões	54,60%
	Rússia	US\$ 200 Milhões	21,50%
	Turquia	US\$ 90.4 Milhões	9,68%
2016	China	US\$ 343 Milhões	43,6%
	Rússia	US\$ 200 Milhões	25,4%
	Turquia	US\$ 77.8 Milhões	9,9%
2018	China	US\$ 367 Milhões	35,1%
	Rússia	US\$ 254 Milhões	24,3%
	Irã	US\$ 135 Milhões	12,9%
2020	China	US\$ 399 Milhões	33%
	Rússia	US\$ 249 Milhões	20,60%
	Turquia	US\$ 218 Milhões	18%

Fonte: OEC - The Observatory Of Economic Complexity. Elaborado pela autora.

Entre 2006-2012 Bangladesh esteve sempre entre os três maiores compradores dessa *commodity* e chegou a adquirir cerca de 43% de todo algodão exportado em 2008 (Tabela 1). Nos anos seguintes parou gradativamente o comércio com o Uzbequistão e procurou outros mercados fornecedores da região para importar a matéria-prima de seus tecidos. Os dados da OEC mostram que, apesar do boicote realizado por mais de 14 anos no meio da comunidade têxtil internacional, a China nunca parou com a importação do algodão uzbeque, ocupando o primeiro lugar durante praticamente todos esses anos e assumindo o posto de Bangladesh. A representação chinesa nas exportações de algodão depois de 2010 sempre foi acima de 30%, chegando a atingir 54% em 2012 e 2014, o que confirma a importância que o mercado chinês tem para o setor do algodão uzbeque.

A Tabela 2 contém os dados da balança comercial do Uzbequistão entre 2006 e 2020. Após 2008 pode ser visto uma queda considerável em sua exportação, que só voltou a crescer a partir de 2016. Nos anos seguintes também pode ser visto que a importação do país praticamente dobrou, coincidentemente depois que Mirziyoyev entrou na presidência e iniciou as reformas no país.

Tabela 2 - Balança Comercial do Uzbequistão (2006-2020)

Ano	Exportação	Importação
2006	US\$ 4.57 bilhões	US\$ 4.02 bilhões
2008	US\$ 7.9 bilhões	US\$ 8.77 bilhões
2010	US\$ 6.24 bilhões	US\$ 8.2 bilhões
2012	US\$ 5.58 bilhões	US\$ 10.6 bilhões
2014	US\$ 6.37 bilhões	US\$ 13.3 bilhões
2016	US\$ 7.37 bilhões	US\$ 9.6 bilhões
2018	US\$ 10.7 bilhões	US\$ 18.6 bilhões
2020	US\$ 13.9 bilhões	US\$ 20.7 bilhões

Fonte: OEC - The Observatory Of Economic Complexity. Elaborado pela autora.

Desta maneira, essas características históricas, sociais e econômicas do país somadas aos conceitos definidos por Wallerstein na seção anterior, podemos definir o Uzbequistão como um país periférico. Sua economia depende praticamente da

exportação de produtos com baixo valor agregado, particularmente de *commodities* agrícolas, matérias-primas e recursos naturais¹³. Tais setores são sujeitos a alterações bruscas no preço de venda e não são o suficiente para o país desenvolver suas indústrias. Este fato também faz com que o país seja muito dependente da demanda internacional, já que internamente o setor não é capaz de suprir toda a produção algodoeira e possui um desenvolvimento limitado das indústrias têxteis domésticas.

O boicote internacional dos demais países em um setor tão importante para a economia interna também afeta os investimentos direcionados ao país e seu acesso a recursos financeiros, tecnológicos e de infraestrutura. Contudo, vale destacar que o comércio com a China no setor algodoeiro não foi interrompido e acontece em decorrência ao forte consumo interno desta *commodity* na indústria chinesa.

3.3 CHINA: PERIFERIA OU SEMIPERIFERIA?

Considerado o berço de uma das civilizações mais antigas e um dos maiores países do mundo moderno, a China conta com uma população de 1,413 bilhões de habitantes (2023) e está entre os principais exportadores e importadores da economia mundial. Assim como acontece em outros países asiáticos, a China é uma grande produtora para empresas multinacionais que possuem sede na Europa e nos Estados Unidos e buscam mão-de-obra barata e abundante para aumentar seu comércio em diversos setores.

A Tabela 3 mostra que o país é um grande consumidor de algodão, permanecendo por anos como o principal importador e exportador mundial da *commodity*. A Tabela 3 ilustra os três principais exportadores de algodão entre 2010 e 2020 com o país asiático sempre em destaque junto à Índia e aos Estados Unidos.

¹³É interessante destacar como essas características fazem parte do país até mesmo quando ainda era uma unidade federativa da URSS. As 15 repúblicas recebiam investimentos para diferentes setores, como dito anteriormente. A relação centro-periferia de certa forma também pode ser vista dentro dessa perspectiva, já que existiam federações com produção de bens com maior valor agregado e outras somente com a produção da matéria-prima, como é o caso do Uzbequistão.

Tabela 3 - Maiores exportadores mundiais de algodão (2010-2020).

Ano	País	Valor (US\$)	Representação na exportação mundial (%)
2010	China	US\$ 11.3 Bilhões	19,6%
	Estados Unidos	US\$ 7.64 Bilhões	13,3%
	Índia	US\$ 7.48 Bilhões	13%
2012	China	US\$ 11.5 Bilhões	17,7%
	Índia	US\$ 8.87 Bilhões	13,7%
	Estados Unidos	US\$ 8.54 Bilhões	13,2%
2014	China	US\$ 13.9 Bilhões	22,4%
	Índia	US\$ 9.17 Bilhões	14,8%
	Estados Unidos	US\$ 6.79 Bilhões	10,9%
2016	China	US\$ 12.5 Bilhões	24,3%
	Índia	US\$ 6.5 Bilhões	12,6%
	Estados Unidos	US\$ 5.86 Bilhões	11,4%
2018	China	US\$ 13.5 Bilhões	23%
	Índia	US\$ 8.19 Bilhões	13,9%
	Estados Unidos	US\$ 8.52 Bilhões	14,5%
2020	China	US\$ 9.85 Bilhões	21%
	Índia	US\$ 5.88 Bilhões	12,6%
	Estados Unidos	US\$ 7.1 Bilhões	15,2%

Fonte: OCE - The Observatory of Economic Complex. Elaborado pela autora.

Já a Tabela 4 é referente aos maiores importadores de algodão entre 2010-2020, onde é observado que o primeiro lugar é ocupado pela China. Bangladesh e Vietnã, grandes produtores têxteis da região asiática também estão em destaque como os maiores importadores da *commodity*. Os dados mostram como a China tem uma demanda muito grande por algodão, estando em primeiro lugar como compradora e vendedora, fato que não acontece com os outros países citados.

Tabela 4 - Maiores importadores mundiais de algodão.

Ano	País	Valor (US\$)	Representação na importação mundial (%)
2010	China	US\$ 9.02 Bilhões	15,7%
	Bangladesh	US\$ 4.37 Bilhões	7,5%
	Hong Kong	US\$ 3.85 Bilhões	6,6%
2012	China	US\$ 16.1 Bilhões	24,9%
	Bangladesh	US\$ 5.4 Bilhões	8,3%
	Hong Kong	US\$ 3.17 Bilhões	4,9%
2014	China	US\$ 10.8 Bilhões	17,4%
	Bangladesh	US\$ 5.37 Bilhões	8,6%
	Vietnã	US\$ 3.58 Bilhões	5,7%
2016	China	US\$ 6.96 Bilhões	13,5%
	Bangladesh	US\$ 5.49 Bilhões	10,7%
	Vietnã	US\$ 3.45 Bilhões	6,6%
2018	China	US\$ 8.62 Bilhões	14,7%
	Bangladesh	US\$ 7.41 Bilhões	12,6%
	Vietnã	US\$ 4.91 Bilhões	8,3%
2020	China	US\$ 8.5 Bilhões	18,1%
	Bangladesh	US\$ 5.37 Bilhões	11,5%
	Vietnã	US\$ 3.95 Bilhões	8,4%

Fonte: OCE - The Observatory of Economic Complex. Elaborado pela autora.

Assim como aconteceu com o Uzbequistão, a China vem enfrentando denúncias de trabalhos forçados em suas plantações de algodão, sobretudo na região de Xinjiang (Figura 5). A RSN também tem iniciativas contra o uso do algodão dessa região, argumentando que,

Sob o pretexto de combater “terrorismo, separatismo e extremismo religioso”, o governo chinês vigiou, deteve e escravizou milhares de pessoas uigures na Região Autônoma Uigur de Xinjiang (XUAR). Esses indivíduos passam pelo que é conhecido pelas autoridades de direitos humanos como um genocídio cultural; uigures e outras minorias muçulmanas são enviados para “campos de reeducação” dentro da XUAR e ao redor da China, onde vivem em condições de prisão. Eles são torturados, separados de suas famílias, forçados a renunciar à sua fé e muitas vezes trabalham em fazendas de algodão

e em fábricas de têxteis e vestuário perto dos campos.¹⁴ (RSN, 2022, tradução nossa)

Figura 5 - Mapa da região de Xinjiang na China.



Fonte: The Intercept.

Apesar de receber o apoio de mais de 200 organizações de direitos humanos ao redor do mundo, as acusações sobre a origem do algodão da XUAR foram duramente criticadas pelo governo chinês. Em 2021, após a assinatura de uma lei nos Estados Unidos chamada “Lei de Prevenção do Trabalho Forçado Uigur”, o Conselho Nacional de Têxtil e Vestuário da China soltou um comunicado contra a posição dos EUA. Segundo o comunicado,

A última assinatura do ato tenta impor o rótulo de "trabalho forçado" a todas as *commodities* produzidas em Xinjiang na forma de "presunção de culpa". Estabelece um precedente ruim e perigoso nas regras econômicas e comerciais internacionais.¹⁵ (CHINA DAILY, 2021)

O governo chinês considera que as medidas dos EUA de proibir a importação do algodão pelas empresas multinacionais são uma “violação das regras de

¹⁴Under the guise of combatting “terrorism, separatism and religious extremism,” the Chinese government has surveilled, detained and enslaved thousands of Uyghur people in the Xinjiang Uyghur Autonomous Region (XUAR). These individuals undergo what is known by human rights officials as a cultural genocide; Uyghurs and other muslim minorities are sent to “reeducation camps” within the XUAR and around China, where they live in prison-like conditions. They are tortured, separated from their families, forced to renounce their faith, and often work on cotton farms and in textile and apparel factories near the camps. (RSN, 2022)

¹⁵The latest signing of the act tries to impose the label of "forced labor" on all commodities produced in Xinjiang in the way of "presumption of guilt." It sets a bad and dangerous precedent in international economic and trade rules. (CHINA DAILY, 2021)

economia de mercado justa e razoável e do livre comércio”¹⁶ (CHINA DAILY, 2021, tradução nossa). Além disso, enfatizam que no ano de 2021, todo algodão da região de Xinjiang representou cerca de 20% da produção total de algodão do mundo, ressaltando a importância que o setor tem na cadeia global. O comunicado também enfatizava que

Como representante dos interesses coletivos da indústria têxtil e de vestuário da China, o conselho e 12 associações industriais da cadeia da indústria têxtil prometem que continuarão a apoiar firmemente o plantio e a produção de algodão em Xinjiang. Eles também apoiarão o comércio e o consumo de algodão de Xinjiang em casa e no exterior e apoiam totalmente a prosperidade e o desenvolvimento da indústria têxtil e de vestuário de Xinjiang.¹⁷ (CHINA DAILY, 2021, tradução nossa)

Para Grell-Brisk (2017), a partir de 2001 podemos observar que a China saiu do status de país periférico de Wallerstein, para o nível semiperiférico. Essa mudança aconteceu quando o país foi lentamente se afastando do grupo de países que incluía a Índia e outros países do sul asiático como países periféricos. Segundo a autora, dado o tamanho da população chinesa, qualquer movimento feito por esse país pode afetar a distribuição na economia mundial e, no final dos anos 90 e início dos anos 2000, tanto a China quanto a Índia tinham potencial para exercer influência significativa no cenário global.

Entretanto, ao contrário da Índia, a China conseguiu se estabelecer como um grande ator na economia global e essa expansão se deu por meio de reformas econômicas realizadas pelo governo chinês, que inicialmente eram compostas pela descentralização e medidas de privatização, além do incentivo sobretudo no modelo de exportação chinês (GRELL-BRISK, 2017).

A ascensão econômica chinesa fez com que o país se destacasse na produção manufatureira e atraiu investimentos estrangeiros nos seus modelos produtivos que servem como base de diversas empresas multinacionais do centro. O mercado de consumo amplo, combinado aos baixos custos de produção, também chamou a atenção dos investidores internacionais em produzir no território chinês. Nogueira (2007) destaca que “a capacidade produtiva acrescentada pela China não

¹⁶Violates fair and reasonable market economy and free trade rules. (CHINA DAILY, 2021)

¹⁷As the representative of the collective interests of China's textile and garment industry, the council and 12 industry associations in the textile industry chain promise that they will continue to firmly support the planting and production of cotton in Xinjiang. They will also support the trade and consumption of Xinjiang cotton at home and abroad and fully support the prosperity and development of Xinjiang's textile and garment industry. (CHINA DAILY, 2021)

apenas fornece produtos baratos, mas em quantidades expressivas” (p.11), fator que garante aos países centrais a entrega de seus produtos rapidamente e em larga escala.

No caso do setor têxtil, ao contrário do Uzbequistão, o país possui diversas indústrias voltadas para a confecção de tecidos e roupas de maior valor agregado e não está restrito somente à produção da matéria-prima. Desta maneira, com o propósito de suprir sua demanda interna e a de seus fornecedores internacionais, a China tem crescido no cenário global no que diz respeito ao setor têxtil e no seu papel de destaque na produção mundial e regional nos últimos anos.

O Uzbequistão pode ser considerado um país periférico pois possui baixa tecnologia e diversidade no seu processo produtivo; utiliza de trabalhos intensivos com baixos salários; é dependente da exportação do algodão; e está começando a buscar investimentos externos para modernizar suas indústrias. Em contrapartida, a China conseguiu sair do nível periférico e agora ocupa a posição de país semi-periférico. Ao mesmo tempo, caminha na intenção de ocupar uma posição central na economia-mundo, fato que já pode ser notado quando analisamos pela perspectiva da região asiática onde a China tem muita influência sobre os outros países (sobretudo os periféricos) e age como ator central.

Os pontos apresentados sobre as CGVs e a indústria têxtil, sobretudo as empresas que seguem modelo de produção *fast fashion*, mostram como os países que participam das primeiras etapas produtivas geralmente são os denominados periféricos e semiperiféricos. No caso do Uzbequistão, o problema está ainda na produção da matéria-prima, fase mais inicial da cadeia. Enquanto isso, os países centrais são os responsáveis pelo design, divulgação e retém grande parte dos lucros das roupas vendidas. O aumento do consumo de marcas *fast fashion* é um fator que no médio e longo prazo também afeta países periféricos que não necessariamente fazem parte da cadeia produtiva, mas que recebem os excessos de roupas e tecidos (Anexo B).

4 A RELAÇÃO ENTRE CHINA-UZBEQUISTÃO

As próximas seções serão dedicadas para descrever quais as relações históricas, sociopolíticas e econômicas entre China-Uzbequistão. Para acrescentar a discussão entre a relação bilateral entre eles, essa seção também irá trazer um compilado de notícias, acordos e encontros diplomáticos entre os dois nos últimos anos. O objetivo deste capítulo é expor o interesse chinês na economia uzbeque, sobretudo no setor algodoeiro, mas não somente nele, visto que o governo chinês está investindo fortemente na infraestrutura, nos meios de transportes e demais setores do Uzbequistão.

Como dito no primeiro capítulo, o Uzbequistão, assim como outros países da Ásia Central, era parte da União Soviética e desde sua independência, em 1991, teve seu primeiro e único presidente Islam Karimov, que permaneceu no cargo até sua morte em 2016. Para muitos estudiosos, a morte de Karimov significa uma nova era no país já que a geração mais jovem não conhece outro líder e cerca de 60% da população uzbeque tem menos de 30 anos, praticamente a mesma quantidade de tempo em que Karimov foi o presidente do país. O senso de soberania do país era fortemente ligado a ele como homem, não somente como representante da nação (CAVANOUGH 2016; CNA 2019).

O legado que Karimov deixou para seu sucessor é um Estado altamente autoritário, cujas características mais visíveis eram trabalhos forçados, principalmente durante os três meses da colheita do algodão, prisões em massa, repressão generalizada e tortura. Segundo as autoras Tynan e Grono (2016) a herança da URSS também era muito presente no mandato de Karimov, com instituições pouco desenvolvidas, um governo autoritário e uma luta atrofiada por uma verdadeira democracia. A população precisava de políticas econômicas e sociais eficazes para melhorar os padrões de vida, mas “o descontentamento não encontra expressão na sociedade civil ou no espaço político” (TYNAN; GRONO, 2016).

Para Cavanaugh (2016), o regime de Karimov merecia ter sido mais condenado internacionalmente, mas seu relacionamento bilateral com vários países da região ajudou a evitar esse destaque negativo com a comunidade internacional (apesar da campanha de boicote de 2009). O longo período em que esteve na presidência foi brutal e embora fosse respeitado pelo povo, era muito temido por

eles. Karimov também usou o posicionamento geopolítico estratégico do Uzbequistão a seu favor e desenvolveu trabalhos com EUA, China e Rússia, bem como outros atores regionais como Irã e Turquia (CAVANOUGH 2016).

Ao mesmo tempo que existiu um boicote dos EUA e dos países europeus para punir o abuso dos direitos humanos nas colheitas de algodão, para Tynan e Grono (2016) ele aconteceu com certa hesitação, uma vez que por ter fronteira compartilhada com o Afeganistão, o Uzbequistão é um ator geopoliticamente importante na Ásia Central e poderia ser um aliado nas questões entre os EUA e o Afeganistão.

A mudança inesperada com a morte de Karimov criou incertezas sobre a direção do país, alguns especialistas estavam esperando um período de caos, alimentados por ondas extremistas ou até mesmo um governo autocrata. Embora esses cenários fossem plausíveis de acontecer, o choque com a morte inesperada sugeriu uma transição mais cautelosa. O governo demorou alguns dias para oficializar publicamente o fato que o presidente havia morrido e, para Cavanaugh (2016), o atraso no anúncio demonstrou que a tomada de decisão para seu sucessor estava sendo consolidada.

Desde o início, a sucessão da presidência estava concentrada em um nome: Shavkat Mirziyoyev, Primeiro-ministro do país e confidente próximo de Karimov. Na época, o país estava passando por um período de incerteza econômica e, mesmo sendo ricos em recursos minerais e petrolíferos, o Uzbequistão não conseguia capitalizar seus ativos da mesma forma que outros vizinhos. O país dependia muito do comércio com a Rússia, e na época o valor do rublo russo reduziu significativamente e afetou a confiabilidade dessa fonte de receita. Mirziyoyev tinha uma boa relação com Rússia e já havia participado de encontros entre delegações da Coreia do Sul e com o Primeiro-ministro do Quirguistão ainda quando também era Primeiro-ministro no governo de Karimov, mostrando como Mirziyoyev já explorava o espaço do país na política externa (CAVANOUGH 2016).

A mudança da presidência era considerada um movimento decisivo na história uzbeque e abria oportunidade para reformas políticas e sociais, já que a população estava querendo uma forma de governo mais democrática e pluralista. Grupos externos, atores da sociedade civil e oponentes políticos de Karimov estavam esperando esse momento para moldar o futuro do país e os primeiros

sinais eram de que o governo uzbeque estava avançando com cautela, ciente de sua própria fragilidade. A transição do cargo foi aparentemente suave e ordenada, em vez de criar um vácuo político, assim, pode-se dizer que

A troca da guarda na autocracia estagnada do Uzbequistão oferece uma rara chance para atores internacionais recalibrarem suas relações com Tashkent. Neste momento delicado, o mundo exterior precisa fazer ajustes incrementais para conter o retorno amplamente esperado ao status quo e seguir um caminho cauteloso em direção à mudança nas políticas internas e externas fossilizadas do Uzbequistão.¹⁸ (TYNAN; GRONO, 2016, tradução nossa)

Na época da morte de Karimov, as autoras consideram que os principais parceiros do Uzbequistão na Rússia e na China tinham pouco interesse de liberalização na região e por isso, cabia aos EUA e à União Europeia desempenhar um papel mais ativo, por exemplo, no fornecimento de melhorias técnicas na agricultura, água e energia a fim de diminuir a dependência do Uzbequistão e os atritos com os países vizinhos (TYNAN; GRONO 2016).

Entretanto, ao longo dos anos não foi isso que aconteceu, já que foi a China que começou a atuar intensamente no país por meio de Investimento Direto Externo (IDE) e de incentivos para que empresas chinesas entrassem no comércio uzbeque. Tratados bilaterais e multilaterais que ajudaram no fortalecimento dos laços não só com o Uzbequistão, mas também com outros países da Ásia Central, foram movimentos realizados pelo governo chinês ao longo dos últimos anos, reforçando a importância que a região tem para a China e seu grande mercado produtor (TYNAN; GRONO 2016).

Em 2017, começaram as mudanças no país por meio de várias reformas feitas pelo novo presidente, seguindo um plano de 5 anos focado em 5 áreas diferentes. Foi nesse período que o país começou a procurar investidores internacionais e o principal deles foi a China, que também possui seus próprios interesses para consolidar a parceria. O setor têxtil é um grande atrativo usado pelo governo para atrair investimento externo, justamente por ser um dos principais

¹⁸The changing of the guard in Uzbekistan's stagnant autocracy provides a rare chance for international actors to recalibrate their relations with Tashkent. At this sensitive time, the outside world needs to make incremental adjustments to counter the widely expected return to the status quo, and to steer a cautious path towards change in Uzbekistan's fossilized domestic and foreign policies. (TYNAN; GRONO, 2016)

países e ter isenções fiscais e aduaneiras para incentivar as empresas domésticas a procurarem mercados internacionais (CNA, 2019).

O novo governo tem como um de seus objetivos a mudança no modelo de produção uzbeque, isto é, querem sair da dependência do algodão como matéria-prima para a confecção de produtos com maior valor – assim como acontece com o algodão que é destinado a China e transformado em tecidos e roupas. As principais exportações do país para o mercado externo são a fibra e o fio de algodão que possuem com baixo valor agregado e que dependem dos preços da *commodity* e da safra da plantação, já que um ano com colheita ruim afeta o preço do produto.

O governo de Mirziyoyev está disposto a mudar esse cenário, vide as mudanças já criadas desde o início de seu mandato. Para isso foi necessário a modernização das máquinas e esse movimento incentivou os fabricantes a criarem produtos acabados usando o algodão local, assim “o governo uzbeque tem investido na modernização e mecanização da indústria algodoeira para aumentar a produtividade e reduzir os custos trabalhistas” (KOHAN TEXTILE JOURNAL, 2022, tradução nossa).¹⁹

A indústria têxtil no Uzbequistão é composta basicamente por pequenas e médias empresas, localizadas principalmente em áreas rurais e próximas das plantações. Muitas delas são de propriedade e de operação familiar e são especializadas em artesanato têxtil tradicional do Uzbequistão. Em paralelo a isso, o crescimento do país vem desacelerando nos últimos anos e a forte concorrência regional traz muitos desafios. Vários países asiáticos são referências quando se trata da produção de têxteis e isso dificulta a entrada do Uzbequistão nesse mercado de bens com maior valor. Para isso, o governo tem adotado subsídios e incentivos fiscais para as empresas têxtil, além de programas de treinamento para melhorar as habilidades dos trabalhadores e investimento em infraestrutura (CNA, 2019; KOHAN TEXTILE JOURNAL, 2022).

Em seus pronunciamentos oficiais e durante visitas nas fazendas e indústrias de algodão, o presidente destaca a necessidade de aumentar o número de empresas modernas para processar ao máximo o algodão colhido na região e

¹⁹The Uzbek government has been investing in the modernization and mechanization of the cotton industry to increase productivity and reduce labor costs. (Kohan Textile Journal, 2022)

exportar apenas produtos prontos. Segundo o site do governo, em 2020 cerca de 19 projetos foram implementados na Zona Franca de Hazorasp, totalizando mais de U\$306 milhões de dólares, incluindo mais de U\$266 milhões de IDE. Em 2023 o site oficial do governo, ao falar sobre uma visita do presidente em plantações de algodão da região da Corásmia (a mais afetada pelo caso do Mar de Aral), destaca que medidas para usar tecnologias de economia de água na agricultura estão sendo tomadas, além da importância do cultivo de culturas adequadas às condições do solo e ao clima da região e à industrialização da agricultura.

Como abordado no capítulo anterior, o modelo de produção *fast fashion* requer uma rapidez nos processos produtivos, inclusive na preparação da matéria-prima (algodão). Entretanto, para a indústria têxtil, mesmo se o produto for de boa qualidade, como é o caso do algodão feito no Uzbequistão, não adianta nada se o produto demorar para chegar no cliente. A principal característica desse modelo é a velocidade em que os produtos estão disponíveis para os consumidores finais, então a indústria precisa sempre atualizar sua infraestrutura e tecnologia, já que o mercado pede sempre mais rapidez na produção. A China continua um dos maiores exportadores de roupas do mundo, mesmo recebendo diversas denúncias de trabalho escravo, condições insalubres e baixa remuneração, ela “cumpre” o seu papel com as marcas, pois leva menos de um mês entre a confecção e o envio dos produtos.

Para aumentar a exportação de têxteis e roupas uzbeques, o país tem participado de feiras internacionais com o intuito de mostrar seus produtos e atrair compradores, assim o governo trabalha para estabelecer parceria com outros países e as empresas domésticas buscam melhorar seus produtos para serem competitivas no mercado global.

Apesar dos desafios, o setor têxtil ainda é uma parte muito importante da economia e da cultura do país e está presente no projeto chinês Belt and Road Initiative (BRI). Tal projeto tem como principal foco o estabelecimento de uma nova Rota da Seda, capaz de interligar a China com a Europa, com o Oriente Médio e também com os países da Ásia Central.

Geograficamente, o Uzbequistão é o último país por onde as rotas de mercadorias chinesas passam antes de chegarem ao mercado europeu e por isso é importante para o governo chinês que o país tenha uma infraestrutura que comporte

todo o fluxo das mercadorias. Todo mês cerca de 3 toneladas de algodão são enviadas de Tashkent para Xi'an na China, o suficiente para produzir cerca de 10 milhões de camisetas, então a rota é uma alternativa para enviar mais rápido e em menos tempo o algodão uzbeque até a China onde ele é manufaturado e transformado em roupas e têxteis.

Para May-Donnellon (2023) a ferrovia tem um potencial significativo já que facilitaria o acesso do Uzbequistão a outros mercados como Turquia e Oriente Médio, além de contribuir para o comércio com outros países da Ásia Central. Por ser um país que precisa passar por outros dois países para chegar até o oceano, a logística e corredores de transporte ferroviários são importantes para reintroduzir essas conectividades entre Uzbequistão e Eurásia, e isso dá margem às novas negociações e parceiros comerciais que sem a ferrovia não seriam alcançados facilmente (CNA, 2019).

A China é o número um em investimentos no país e considera o Uzbequistão um mercado em expansão, o maior da Ásia central. A presença chinesa no país já pode ser sentida através do turismo uzbequistão, já que cidades antigas da Rota da Seda, como Samarcanda e a capital Tashkent estão sendo promovidas pela China. Para a iniciativa do turismo na cidade de Samarcanda, por exemplo, arquitetos e urbanistas chineses querem redesenhar a cidade para aproveitar ao máximo a sua capacidade, já que é uma das mais antigas do mundo e ficou largada no período soviético. O investimento visa atrair atividades de manufatura de alto valor uma vez que os chineses consideram que o turismo em uma cidade histórica também ajuda no crescimento do país como um todo (CNA, 2019).

O aumento da publicidade chinesa nos últimos anos tem levado muitos visitantes ao Uzbequistão e como consequência, o comércio uzbeque tem se adaptado para receber esses novos visitantes, como é o caso dos cardápios em mandarim que já são encontrados em estabelecimentos uzbeques (CNA, 2019).

A procura de pessoas que falam o idioma têm crescido, assim como a presença de empresas chinesas no Uzbequistão, que em 2017 já eram mais de 1200, sendo a maior delas a Peng Seng, que não foca somente na agricultura, mas também em tecidos e cerâmicos. O controle administrativo da empresa, porém, continua sendo em Pequim, salientando como os países periféricos ficam com a

produção de baixo valor, e os centrais (e semiperiféricos no caso da China) permanecem com os atributos administrativos e lucros.

As empresas chinesas investem em diferentes setores da agricultura, indo desde a sementeira, colheita, estoque e logística. Para a produção de comida no Uzbequistão, as firmas importam maquinários novos e usam tecnologia avançada chinesa a fim de controlar a temperatura e a umidade do local, conseguindo uma colheita durante todo o ano e não somente em épocas específicas. A segurança alimentar é uma questão importante para o país e sua população de 1,413 bilhões de habitantes e as reformas realizadas pelo governo uzbeque após a morte do Karimov atraíram esses investidores externos e também fez com que a China incentivasse seus empreendedores a destinar recursos para esse mercado. A localização geográfica no centro da Ásia; a importância do comércio na época da Rota da Seda; o cenário político estável dos últimos anos; a sociedade harmoniosa do país; a boa recepção com os estrangeiros e o “bom calibre” para o trabalho, são os fatores descritos pelos chineses como determinantes para o alto investimento que está sendo direcionado ao país (CNA, 2019).

Recentemente, um acordo entre China-Quirguistão-Uzbequistão foi assinado para a construção da ferrovia CKU (China-Kyrgyzstan-Uzbekistan) que irá beneficiar muitas indústrias, principalmente a do algodão e que também faz parte da BRI chinesa. O acordo tripartite visa distribuir os custos de estudo e de viabilidade em partes iguais entre os três. No início de 2023 foi anunciado a abertura de um escritório de projeto em conjunto, uma vez que os três países estão determinados a trabalharem juntos para expandir suas conectividades inter-regionais e promover a integração da Eurásia com a nova rota. O objetivo desse movimento é para concentrar os estudos que já estão sendo feitos por engenheiros dos três países a fim de preparar relatórios técnicos e estudar a viabilidade da ferrovia (PIEDRA; GUPTA, 2023).

Apesar de ser uma ideia antiga, foi somente nos últimos anos que o projeto começou a andar, e isso se dá muito ao fato da melhora nas relações diplomáticas do Uzbequistão com Quirguistão e do Quirguistão com a China, além da necessidade prática de integração com a Eurásia, fato que faz com que os três governos estejam determinados a tirar o projeto do papel. Em paralelo, a crise na Ucrânia e a interrupção de cadeias de abastecimento através da Rússia também

deram mais urgência ao projeto CKU (PIEDRA; GUPTA, 2023). O custo estimado da obra é de US\$4.5 bilhões e a via pretende se tornar parte da rota sul da ferrovia de carga entre China-Europa, reduzindo o tempo de viagem em 900 km e oito dias, além de ser uma alternativa à rota atual Cazaquistão-Rússia. Para os chineses, o projeto oferece múltiplas vantagens pois permite a redução de sua dependência da Rússia em questões de transporte ao mesmo tempo que mantém o comércio ferroviário com a Europa em paralelo (MAY-DONNELLON, 2023).

A ideia de uma ferrovia entre os três países foi concebida originalmente nos anos 90 e deverá ter aproximadamente 523 km de extensão (213km na China, 260 km no Quirguistão e 50 km no Uzbequistão) e conectará a rede ferroviária do Uzbequistão com terminais em Xinjiang, região da China que faz fronteira com o Quirguistão e é responsável pela produção de um terço de todo algodão chinês (PIEDRA; GUPTA, 2023). Em 2022 aconteceu a primeira expedição de trem de carga entre os três países e o método de transporte múltiplo entre a China e os países da Europa e da Ásia foi desenvolvido e implementado. Utilizando esse método, garantida, pagamento, fatura e seguro são aplicados e podem economizar de 3 a 5 dias em comparação com o transporte ferroviário tradicional. O trem de carga transportou 204 toneladas de tecidos e fios de algodão de Xinjiang até Tashkent, capital uzbeque (RAILLY NEWS, 2022).

Contudo, deve-se destacar que existe uma questão de segurança para a China na região de Xinjiang, com crescentes movimentos separatistas do povoado que é predominantemente turco-muçulmano. Para May-Donnellon (2023), Pequim via as repúblicas da Ásia Central (inclusive o Uzbequistão e Quirguistão) como a chave para a segurança da região e para prevenir seu potencial de desestabilizar o regime do Partido Comunista Chinês. As autoridades chinesas lançaram a Estratégia de Desenvolvimento do Grande Oeste, que promovia o desenvolvimento socioeconômico nas suas regiões ocidentais ricas em recursos como Xinjiang e Ásia Central como uma forma de conter o crescimento de movimentos indesejados.

Ao longo dos anos Pequim investiu muito nos países da Ásia Central, por meio de energia, infraestrutura, desenvolvimento de recursos e empréstimos. A CKU se encaixa com outros projetos que visam impulsionar o comércio e o investimento em Xinjiang e no oeste da China e, em troca, os estados da Ásia Central apoiam publicamente a posição da capital sobre as minorias étnicas. Desde 2017 o governo

chinês teria detido arbitrariamente mais de um milhão de muçulmanos em campos de reeducação em Xinjiang. O relatório de 2022 do Escritório de Direitos Humanos das Nações Unidas sobre alegações de abusos em Xinjiang observou que “a extensão da detenção arbitrária e discriminatória de membros de Uyghur e outras minorias predominantemente muçulmanas pode constituir crimes internacionais, em particular crimes contra a humanidade” (MAY-DONNELLON, 2023). Embora a ferrovia CKU tenha o potencial de remodelar a conectividade da Eurásia, questões sobre rotas, desafios técnicos, preocupações financeiras e geopolíticas relacionadas ao projeto ainda precisam ser superadas, como por exemplo, a preocupação do Quirguistão em aumentar a dívida externa do país com a China.

Além do acordo tripartite com o Quirguistão, a relação entre China e Uzbequistão também pode ser vista em Fóruns de Negócios, como o que aconteceu em 2023 em Xi'an na China onde representantes de empresas agrícolas uzbeque estavam presentes para falar sobre a capacidade do país e sua potencialidade na agricultura com parcerias B2B (*Business to Business*) e G2B (*Government to Business*). Reuniões sobre o fornecimento de equipamentos modernos para a indústria têxtil, além do compartilhamento de tecnologia agrícola mais avançada são pontos de destaque do encontro entre os dois países. Segundo noticiado pelo jornal Uzbeque UZ Daily (2023), o lado chinês está muito interessado nos *clusters* de algodão e grãos, frutas e hortaliças, uma vez que para eles isso garante a expansão e a diversificação dos investimentos na agricultura.

Ademais, vale destacar o encontro da Associação Uzbetkstilprom com a UNECE (Comissão Econômica das Nações Unidas para a Europa) onde as partes discutiram em uma comissão em Genebra questões de expansão da cooperação na indústria de digitalização e a introdução de energia “verde” por meio de um projeto piloto do Sistema Blockchain que permite rastrear todo ciclo de produção (UZ Daily, 2023). O comitê elogiou as conquistas no setor têxtil/algodoeiro que foram obtidas após as reformas feitas, tanto em termos de sustentabilidade quanto de digitalização, sobretudo nos últimos 5-6 anos, coincidentemente após a morte de Karimov. Para a diretora do departamento da UNECE Elisabeth Tuerk,

As reformas práticas em andamento no país em benefício do bem-estar do povo são claramente visíveis e expressaram confiança de que as reformas constitucionais em andamento no Uzbequistão

também visam desenvolver o empreendedorismo, melhorar o ambiente de investimento e fortalecer ainda mais a proteção da propriedade, o que criará uma forte garantia legal das reformas realizadas no Uzbequistão e da livre atividade de todos os cidadãos.²⁰ (UZ Daily, 2023, tradução nossa)

A UNECE manifestou disponibilidade para financiar parcialmente projetos de digitalização da indústria, no âmbito do programa de assistência técnica, além de apoiar no cumprimento das normas internacionais e também aceitam o convite para participarem de eventos da indústria têxtil no Uzbequistão para realizar seminários sobre apoio a pequenas e médias empresas (UZ DAILY, 2023).

É importante salientar que a população do Uzbequistão aprova a iniciativa da BRI pois acreditam que a rota atrai novos parceiros de trocas para o país, além de fornecer empregos em diversas áreas. Universidades do país também já estão promovendo programas voltados para negócios, processos administrativos, processos de logísticas e de economia que capacitam a população para essa nova fase que o país está passando, agora aberto ao mercado externo.

²⁰The ongoing practical reforms in the country for the benefit of the well-being of the people are clearly visible and expressed confidence that the ongoing constitutional reforms in Uzbekistan are also aimed at developing entrepreneurship, improving the investment environment and further strengthening the protection of property, which will create a strong legal guarantee of the reforms carried out in Uzbekistan and the free activity of all citizens. (UZ Daily, 2023)

5 CONCLUSÃO

Os conceitos de centro, semiperiferia e periferia apresentados pela teoria são fundamentais para entendermos o Uzbequistão como um país periférico, sobretudo por sua indústria primária e a dependência com o mercado internacional. Enquanto isso, a China conseguiu atingir um caráter semiperiférico e nos próximos anos pode vir a ser um país central no sistema-mundo, posto que já ocupa se analisarmos pela ótica regional. É importante ressaltar que essa ocorrência não se dá de forma equilibrada entre os países. Desde o início as funções a serem desempenhadas por cada um já foram determinadas devido às suas características.

Podemos ver como o fenômeno do *fast fashion* e o aumento do consumo de roupas têm causado consequências devastadoras, até mesmo em países que não fazem parte da cadeia produtiva, mas recebem restos de roupas e tecidos. No caso do Uzbequistão, que participa do início da produção fornecendo matéria-prima (algodão), o encolhimento do Mar de Aral e o trabalho forçado nas colheitas são resquícios da indústria têxtil, que precisa de uma produção exagerada de algodão para confeccionar mais roupas. A dependência com a monocultura do algodão acontece desde o período em que era parte da URSS, que destinava recursos para o aprimoramento da colheita da planta, mas não estimularam o país a se industrializar no sentido de produção de tecidos e roupas com maior valor. Apesar das reformas feitas nos últimos anos, ainda leva um tempo para que o país se industrialize e tenha noção dos processos produtivos.

A China, apesar de fornecer os produtos com maior valor, também enfrenta denúncias de trabalhos forçados em campos de algodão e em fábricas de costura. As condições dos trabalhadores em todas as etapas de produção de uma empresa *fast fashion* ainda são muito obscuras. Acreditamos que para conseguir uma produção tão rápida e peças com preço muito baixo, os casos de exploração devem acontecer em várias esferas produtivas.

A partir dos dados, pudemos ver que a relação bilateral entre os dois países começou a se fortalecer principalmente após a morte do presidente Karimov. As reformas realizadas por seu sucessor Mirziyoyev após 2017, chamaram a atenção dos investidores internacionais, sobretudo dos chineses. A posição geográfica do Uzbequistão mostrou-se interessante no sentido geopolítico e estratégico da região. Questões como segurança alimentar e os problemas que a China vem enfrentando

na região de Xinjiang são fatores que também influenciam na escolha de um parceiro confiável. O desejo do novo presidente em industrializar o país para depender menos da exportação do algodão parece combinar com o desejo chinês em utilizar o país como rota para ferrovias. Os investimentos que o governo chinês tem feito nos países da Ásia Central mostram como o país tem relevância na região, é responsável por financiar vários projetos em setores estratégicos e se por vezes comporta como um país central.

Por fim, o modelo de produção *fast fashion* e sua cadeia produtiva estão trazendo consequências devastadoras em diversos âmbitos. A falta de controle e de fiscalização é dificultada pela numerosa fragmentação que acontece nesse setor: desde pequenas fazendas de algodão no Uzbequistão, até as fábricas de costura na China.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Marcos. Divisão internacional do trabalho. **Lua Nova: Revista de Cultura e Política**, n. 13, p. 95–103, set. 1987.
- ARIENTI, Wagner Leal; FILOMENO, Felipe Amin. Economia política do moderno sistema mundial: as contribuições de Wallerstein, Braudel e Arrighi. **Ensaio Fee**, Porto Alegre, v. 28, n. 1, p. 99-126, jul. 2007.
- ARRIGHI, Giovanni. **A ilusão do desenvolvimento**. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1997.
- CARDOSO, Fernanda Graziella; REIS, Cristina Fróes de Borja. Centro e periferia nas cadeias globais de valor: uma interpretação a partir dos pioneiros do desenvolvimento. **Revista de Economia Contemporânea**, [s. l], v. 22, n. 3, p. 1-32, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rec/a/wftCKNFtNFXmhPNjWhZD4Mq/?lang=pt_cpModalArticles>. Acesso em: 25 maio 2023.
- CAVANOUGH, Edward. Uzbekistan: Fragile and uncertain as the curtain falls on Karimov Era. **The Interpreter**. 07 set. 2016. Disponível em: <<https://www.lowyinstitute.org/the-interpreter/uzbekistan-fragile-uncertain-curtain-falls-karimov-era>>. Acesso em: 10 jun. 2023.
- CHINA DAILY. China's textile industry condemns US signing of 'Uyghur Forced Labor Prevention Act'. **China Daily**. 21 dez. 2021. Disponível em: <<https://www.chinadaily.com.cn/a/202112/25/WS61c6cd4ba310cdd39bc7d756.html>>. Acesso em: 12 jun. 2023.
- CIETTA, Enrico. **A revolução do fast-fashion: estratégias e modelos organizativos para competir nas indústrias híbridas**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2012. Disponível em: <<https://acesse.dev/3SrU3>>. Acesso em: 10 jun 2023.
- CNA. How will China's Belt and Road initiative impact Uzbekistan? The New Silk Road. **CNA**. 31 out. 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2YFdN7cw_cU>. Acesso em: 10 jun. 2023.
- DJANIBEKOV, Nodir *et al.* **Pros and Cons of Cotton Production in Uzbekistan**. Nova York: Per Pinstrup-Andersen, 2010. 13 p.
- DW DOCUMENTARY. The truth behind fast fashion: are fashion retailers honest with their customers?. **DW Documentary**, 19 out. 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=23vUvQN-R1Y>>. Acesso em: 20 maio. 2023.
- E-COMMERCE BRASIL. **O que levou a moda a ser um dos segmentos que mais crescem no e-commerce brasileiro?**. 2021. Disponível em: <<https://www.ecommercebrasil.com.br/artigos/o-que-levou-a-moda-a-ser-um-dos-segmentos-que-mais-crescem-no-e-commerce-brasileiro>>. Acesso em: 10 maio 2023.
- GEREFFI, Gary. **Global Value Chains and Development: redefining the contours of 21st century capitalism**. Cambridge: Cambridge University Press., 2018. 474 p.

GEREFFI, Gary *et al.* Introduction: Globalization, Value Chains and Development. **Ids Bulletin**, Institute Of Development Studies, v. 32, n. 2, p. 1-12, jan. 2001. Disponível em: <<https://www.ids.ac.uk/download.php?file=files/dmfile/gereffietal323.pdf>>. Acesso em: 09 maio 2023.

KOHAN TEXTILE JOURNAL. Top Textile Companies in Uzbekistan. **Kohan Textile Journal**, 17 ago. 2022. Disponível em: <<https://kohantextilejournal.com/top-textile-companies-uzbekistan/>>. Acesso em: 10 jun. 2023.

LOURENÇO, André Luís Cabral de. Semiperiferia: uma hipótese em discussão. **Economia e Sociedade**, Campinas, v. 14, n. 1, p. 177-186, jan. 2005. Disponível em: <<https://www.eco.unicamp.br/images/arquivos/artigos/589/08-Nota1.pdf>>. Acesso em: 13 maio 2023.

MARK, Joshua J. Rota da Seda. **World History Encyclopedia**. 01 maio. 2018. Disponível em: <<https://www.worldhistory.org/trans/pt/1-466/rota-da-seda/>>. Acesso em: 05 jun. 2023.

MAY-DONNELLON, Genevieve. Full steam ahead for the China-Kyrgyzstan-Uzbekistan railway?. **The Interpreter**, 01 jun. 2023. Disponível em: <<https://www.lowyinstitute.org/the-interpreter/full-steam-ahead-china-kyrgyzstan-uzbekistan-railway>> Acesso em: 21 jun. 2023.

MUNHOZ, Júlia Paula. **Um ensaio sobre o fast-fashion e o contemporâneo**. 2012. 55 f. Monografia (Especialização) - Curso de Escola de Comunicação e Artes, Departamento de Relações Públicas, Propaganda e Turismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <<https://moda.eca.usp.br/monografias/Julia.pdf>>. Acesso em: 13 jun. 2023.

NATIONAL GEOGRAPHIC. Once Written Off for Dead, the Aral Sea is now full of life. **National Geographic Education Blog**. 21 mar. 2018. Disponível em: <<https://blog.education.nationalgeographic.org/2018/03/21/once-written-off-for-dead-the-aral-sea-is-now-full-of-life/>>. Acesso em: 20 maio. 2023.

NOGUEIRA, Isabela . O lugar da China na economia-mundo capitalista Wallersteiniana. **Textos de Economia**, v. 11, p. 39-53, 2008. Disponível em: <https://www.unicamp.br/cemarx/anais_v_coloquio_arquivos/arquivos/comunicacoes/gt3/sessao2/Isabela_Nogueira.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2023.

OECD. The Observatory of Economic Complexity. Disponível em: <<https://oec.world/>>. Acesso em: 10 jun. 2023.

ORMEZZANO, Gabriela Tomotani. **O trabalho forçado na indústria da moda "fast fashion": as repercussões desse sistema sobre os direitos humanos e as consequências da nova reforma trabalhista**. 2017. 59 f. Monografia (Graduação) -

Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2017.

OSÓRIO, Luiz Felipe. **Imperialismo, Estado e Relações Internacionais**. São Paulo: Ideias & Letras, 2018. 288 p.

PIEDRA, Javier M; GUPTA, Pravesh K. China-Kyrgyzstan-Uzbekistan railway back to life. **Asia Times**, 23 jan. 2023. Disponível em: <<https://asiatimes.com/2023/01/china-kyrgyzstan-uzbekistan-railway-back-to-life/>>. Acesso em: 15 jun. 2023.

PUBLIC EYE. Toiling away for Shein: looking behind the shiny façade of the Chinese “ultra-fast fashion” giant. **Public Eye**, nov. 2021. Disponível em: <<https://stories.publiceye.ch/en/shein/>>. Acesso em 14 jun. 2023.

PURWANINGRUM, Farah et al. Innovation and Knowledge Adoption for Local Firms in the Value Chain: the story of 'white gold' from uzbekistan. **SSRN Electronic Journal**, [S.L.], p. 1-20, 29 mar. 2010. Disponível em: <https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1627082>. Acesso em: 20 jun. 2023.

QOBILOV, Rustam. A plantação de algodão que fez o Mar de Aral virar deserto. **BBC Uzbequistão**. 26 fev. 2015. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/02/150226_mar_aral_gch_lab>. Acesso em: 06 jun. 2023.

RAILLY NEWS. Agreement Signed for China-Kyrgyzstan-Uzbekistan Railway. **Railly News**. 15 set. 2022. Disponível em: <<https://rallynews.com/2022/09/cin-kirgizistan-ozbekistan-demiryolu-icin-anlasma-im-zalandi/>>. Acesso em: 10 jun. 2023.

RAILLY NEWS. China-Kyrgyzstan-Uzbekistan Trans-Asian railway project begins. **Railly News**. 21 fev. 2012. Disponível em: <<https://rallynews.com/2012/02/cin-kirgizistan-ozbekistan-trans-asya-demiryolu-proje-si-basliyor/>>. Acesso em: 10 jun. 2023.

RAILLY NEWS. First China-Kyrgyzstan-Uzbekistan cargo Train Expedition launched today. **Railly News**. 28 jul. 2022. Disponível em: <<https://rallynews.com/2022/07/ilk-cin-kirgizistan-ozbekistan-kargo-treni-seferi-bugun-baslatildi/>>. Acesso em: 10 jun. 2023.

ROUSSENG, Dayana. Internacionalização da produção vestuarista e a questão do trabalho: estudo de caso sobre a rede fast fashion zara pela ótica das cadeias de valor globais. 2017. 127 f. TCC (Graduação) - Curso de Ciências Econômicas, Departamento de Economia e Relações Internacionais, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/184982>> . Acesso em: 10 jun. 2023.

RSN. From the Field: Travels of Uzbek Cotton Through the Value Chain. **Responsible Sourcing Network**. 2021. Disponível em:

<<https://fergananews.com/archive/2012/fieldcottonreport.pdf>>. Acesso em: 02 jun. 2023.

RSN. Ending the Uzbek Cotton Pledge and the Transition to a Responsible Sourcing Approach. **Responsible Sourcing Network**. Disponível em: <<https://www.sourcingnetwork.org/cotton-initiatives/uzbekistan>>. Acesso em: 02 jun. 2023.

RUDENKO, Inna et al. Using A Value Chain Approach For Economic And Environmental Impact Assessment Of Cotton Production In Uzbekistan. In: QI, Jiaguo; EVERED, Kyle T. (ed.). **Environmental Problems of Central Asia and their Economic, Social and Security Impacts**. Alemanha: Springer Dordrecht, 2008. p. 361-380.

RUDENKO, Inna. **Value Chains for Rural and Regional Development**: the case of cotton, wheat, fruit and vegetable value chains in the lower reaches of the amu darya river, Uzbekistan. 2008. 235 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Economia, Leibniz University Of Hannover, Hanôver, 2008

SANTOS, Sheila Daniela Medeiros dos. Entre Fios e Desafios: indústria da moda, linguagem e trabalho escravo na sociedade imperialista. **Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, [s. l], v. 3, n. 468, p. 1-15, dez. 2017.

SHANNON, Thomas. **An Introduction to the world-system perspective**. 2. ed. Oxford: Westview, 1996. 253 p.

Shavkat Mirziyoyev visits the Hazorasp Free Economic Zone. **President of The Republic of Uzbekistan**, 12 mar. 2020. Disponível em: <<https://president.uz/en/lists/view/3444>>. Acesso em 10 jun. 2023.

THE CITY POPULATION. **Uzbekistan**. Disponível em: <<http://www.citypopulation.de/en/uzbekistan/>>. Acesso em: 03 jun. 2023.

The Government Portal of The Republic of Uzbekistan, 2023. Disponível em: <<https://www.gov.uz/en/>>. Acesso em: 05 jun. 2023.

THE UNIPLANET. Mais da metade da moda barata produzida é descartada em menos de um ano, diz estudo. **The UniPlanet**, 12 dez. 2017. Disponível em: <<https://www.theuniplanet.com/2017/12/mais-de-metade-da-moda-barata-produzida/>>. Acesso em: 12 jun. 2023.

THE WORLD FACTBOOK. Uzbekistan. **Central Intelligence Agency**, Estados Unidos. 2023. Disponível em: <<https://www.cia.gov/the-world-factbook/countries/uzbekistan/summaries>>. Acesso em: 05 jun. 2023.

THOMPSON, William. Introduction: world-system with and without the hyphen. In: THOMPSON, William. **Contending Approaches to World-System Analysis**. Beverly Hills: Sage, 1983. p. 7-26.

TYNAN, Deirdre; GRONO, Magdalena. Starting anew in Uzbekistan. **The Interpreter**. 13 out. 2016. Disponível em: <<https://www.lowyinstitute.org/the-interpreter/starting-anew-uzbekistan>>. Acesso em: 10 jun. 2023.

UNPD. Uzbekistan. **United Nations Development Programme**, 2023. Disponível em: <<https://www.undp.org/uzbekistan>>. Acesso em: 05 jun. 2023.

UZ DAILY. Agricultural clusters of Uzbekistan attract investment from Chinese investors. **UZ Daily**, 17 maio. 2023. Disponível em: <<https://www.uzdaily.uz/en/post/81000>>. Acesso em: 10 jun. 2023.

UZ DAILY. UNECE to support reforms in the field of digitalization of the textile industry. **UZ Daily**, 24 abr. 2023. Disponível em: <<https://www.uzdaily.uz/en/post/80455>>. Acesso em: 10 jun. 2023.

Uzbek President Meets With Khorezm Farmers. **President of The Republic of Uzbekistan**, 31 mar. 2023. Disponível em: <<https://president.uz/en/lists/view/6117>>. Acesso em 10 jun. 2023.

Uzbekistan. **The World Bank**, 2023. Disponível em: <<https://data.worldbank.org/country/uzbekistan>>. Acesso em: 05 jun. 2023.

WALLERSTEIN, Immanuel. **O capitalismo histórico & civilização capitalista**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001. 143 p.

_____. Análise dos sistemas mundiais. In: GIDDENS, Anthony; TURNER, Jonathan (Org.). **Teoria social Hoje**. São Paulo: Ed, UNESP, 1999.

_____. **The Modern World-system**: Capitalist Agriculture and the origins of the European world-economy in the sixteenth century. New York: Academic Press, 1974.

WALLERSTEIN, Immanuel *et al.* **World-Systems Analysis**: theory and methodology. Beverly Hills: Sage Publications, 1982. 1 v.

ANEXO A

Deserto que se formou após a seca do Mar de Aral.



Fonte: National Geographic, 2020. Disponível em:
<https://www.nationalgeographic.pt/meio-ambiente/pecados-do-mar-aral_469>

Embarcação encalhada na antiga região do Mar.



Fonte: Portal Deviante,2023. Disponível em:
<<https://www.deviante.com.br/noticias/por-que-o-mar-de-aral-esta-secando/>>.

ANEXO B

Pilhas de roupas no Deserto do Atacama - Chile



Fonte: BBC News Brasil, 2022. Disponível em:
<<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60144656>>.

Descarte de roupas usadas no Deserto do Atacama - Chile



Fonte: Exame, 2022. Disponível em:
<<https://exame.com/casual/justica-chilena-investiga-lixao-de-roupas-usadas-no-deserto-do-atacama/>>

Queima de roupas no Quênia.



Fonte: Greenpeace, 2022. Disponível em:
<<https://media.greenpeace.org/archive/Fast-Fashion-Research-in-Kenya-27MDHUHNUJ8E.html>>

Roupas descartadas no Quênia.



Fonte: Greenpeace, 2022. Disponível em:
<<https://media.greenpeace.org/archive/Fast-Fashion-Research-in-Kenya-27MDHUHNUJ8E.html>>

Montanhas de tecidos nas praias de Gana.



Fonte: Superviral, 2022. Disponível em:
<<https://superviral.com.br/inacreditavel/montanhas-de-roupas-descartadas-estao-chegando-as-praias-africanas-por-que/>>

ANEXO C

Descarte de roupas no Rio Citarum - Indonésia.



Fonte: JC Online, 2018. Disponível em:

<<https://jc.ne10.uol.com.br/canal/mundo/internacional/noticia/2018/03/02/o-enorme-desafio-de-limpar-o-rio-mais-poluido-do-mundo-na-indonesia-329945.php>>.

Corante usado para tingir tecido é jogado no Rio Citarum - Indonésia.



Fonte: Cambio 16, 2019. Disponível em: <<https://www.cambio16.com/salvar-el-rio-mas-contaminado/>>

Poluição no Rio Citarum - Indonésia.



Fonte: Guia Ecológico, 2017 . Disponível em:

<<https://guiaecologico.wordpress.com/2017/08/25/um-dos-rios-mais-poluidos-do-mundo-o-rio-citarum-na-indonesia/>>.